

LÍNGUA

PORTUGUESA

Olá!

Sumário – Língua Portuguesa

Provas na Íntegra

Unicamp-SP-2023.....	3
Unicamp-SP-2022.....	6
Unicamp-SP-2021.....	9
Unicamp-SP-2020.....	16
Unicamp-SP-2019.....	20
Unicamp-SP-2018.....	25
Unesp-2023.....	30
Unesp-2021.....	33
Unesp-2020.....	35
Unesp-2019/1.....	37
Unesp-2018/2.....	40
Unesp-2018/1.....	42
Gabarito.....	44

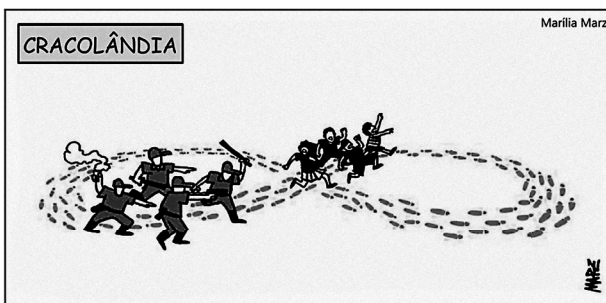
LÍNGUA PORTUGUESA

Provas na Íntegra

UNICAMP-SP-2023

01.

Texto I



MARZ, Marília. *Folha de S. Paulo*, 4 jun. 2022, p. A2.

Texto II

Cracolândia vive 30 anos de eterno retorno

Repressão à droga não faz mais do que dispersar usuários; especialistas cobram articulação de políticas

Ela surgiu na Santa Efigênia, nos cruzamentos da rua dos Gusmões com as pequenas ruas dos Protestantes e do Triunfo, logo atrás da Estação Ferroviária da Luz, no centro de São Paulo. E há quase 30 anos, migra de um quarteirão para outro, em modo constante, se esparramando pelos bairros vizinhos.

A itinerância da maior cena aberta de uso de *crack* e outras drogas do país, batizada de cracolândia nos anos 1990, é fruto ora de um jogo de esconde-esconde, a partir do mando do crime organizado, ora do empurra-empurra das operações policiais que incidem sobre ela, onde quer que esteja.

MENA, Fernanda. *Cracolândia vive 30 anos de eterno retorno*. *Folha de S. Paulo*, 4 jun. 2022, p. B4 (Adaptação).

Indique a alternativa que apresenta palavras ou termos do Texto II diretamente relacionados a elementos representados na charge Texto I.

- A) "articulação de políticas" e "esconde-esconde"
- B) "empurra-empurra" e "eterno retorno"
- C) "itinerância" e "crime organizado"
- D) "repressão à droga" e "bairros vizinhos"

02.

Papo Preto: Vamos falar sobre transfeminismo?

Neste episódio do *podcast* Papo Preto, o apresentador Yago Rodrigues e a cinegrafista Débora Oliveira recebem Jarda Maria, que se tornou símbolo da luta pelos direitos das transexuais em Recife após ingressar na Universidade Federal de Pernambuco. Ela fala sobre os desafios de ocupar e se manter no ambiente acadêmico e da importância de compreender o que é o transfeminismo.

Jarda explica que o conceito de transfeminismo ou feminismo trans surge nos EUA quando foi percebido que as pautas discutidas no feminismo não abarcavam a situação das mulheres trans e travestis. Ela diz que há muita cobrança em cima da comunidade de transexuais e travestis sobre os motivos e as causas da violência que sofrem todos os dias, mas as respostas devem partir da sociedade, que deve praticar a não violência e dar exemplos.

"Nós já estamos preocupadas em pensar esses meios de sobrevivência, que as pessoas que movimentam a transfobia pensem os movimentos de enfrentamento. A transfobia e a travestifobia são problemáticas cisgêneras e não nossa. Nós somos vítimas desse processo", afirma Jarda.

PAPO PRETO 69: vamos falar sobre transfeminismo? [Locução de]: Yago Rodrigues. [S. l.]: Ecoa Produções, 9 mar. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://uol.com.br/ecoa/videos/2022/03/09/papo-preto-69-vamos-falar-sobretransfeminismo0.htm>. Acesso em: 20 out. 2022.

Sobre as ocorrências do item trans no texto, podemos afirmar que

- A) introduzem termos como transfeminismo e transfobia, que servem para conceituar tipos de violência contra mulheres trans.
- B) o seu emprego em transfeminismo indica que a pauta feminista já se estende às mulheres trans, mas ainda exclui as travestis.
- C) é empregado como antônimo do prefixo cis- para indicar que a transfobia e a travestifobia devem preocupar apenas as pessoas cisgêneras.
- D) remete a transexuais e travestis no termo feminismo trans, que é sinônimo de transfeminismo e abrange grupos não incluídos na pauta feminista.

Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 03 e 04.

Quebrando o silêncio dos hospícios

Stella do Patrocínio, apesar de ser reconhecida postumamente como poeta, nunca se definiu assim e não escreveu nenhuma das linhas que estão no livro Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, pelo qual ficou conhecida. A potência de suas palavras se encontra no seu falatório (como chamava suas falas), que foi preservado em fitas de áudio pela artista plástica Carla Guagliardi. As conversas entre as duas foram gravadas durante oficinas de arte para pacientes psiquiátricos, entre 1986 e 1988, e o livro, publicado muitos anos depois da morte de Patrocínio, é um recorte de frases dela, transcritas desses diálogos.

As falas de Patrocínio são de uma mulher negra e pobre que foi levada à força pela polícia e internada, no Centro Pedro 2º e depois na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, onde ficou por trinta anos; quando morreu, foi enterrada como indigente. A história de Patrocínio é a história de milhares de vítimas que foram encarceradas nos hospícios brasileiros por serem consideradas “desajustadas”. Em sua maioria negras. Ali, elas sofreram abusos, violências e torturas, além de serem abandonadas pelo Estado.

QUEBRANDO o silêncio dos hospícios. *Quatro cinco um*. maio 2022, p. 27.

- 03.** Examinando a relação do título com o corpo do excerto da reportagem de revista, o que representa a quebra do “silêncio dos hospícios”?
- A) A morte esquecida de Stella do Patrocínio em uma instituição para reclusão de pessoas com transtornos mentais (ou assim consideradas).
 - B) As oficinas de arte que permitiram a Stella do Patrocínio tornar pública a sua voz e as histórias de mulheres encarceradas em instituições manicomialis.
 - C) O livro de Stella do Patrocínio que narra as histórias de mulheres vítimas de violência manicomial, abandonadas pelo Estado.
 - D) As falas gravadas de Stella do Patrocínio que expressam tanto o seu percurso individual quanto a história de outras mulheres.
- 04.** Com base ainda no texto, “falatório” pode ser considerado como
- A) a modalidade declamada dos poemas de Stella do Patrocínio.
 - B) uma prática discursiva oral nomeada por Stella do Patrocínio.
 - C) a denominação, usada no manicômio, para conversas terapêuticas.
 - D) um gênero de poesia transcrita produzida por Stella do Patrocínio.

05.



TWITTER. Disponível em: https://twitter.com/_paulo_bruno/status/1513855458456616969. Acesso em: 3 jun. 2022.

O texto apresenta a reprodução de uma postagem em Twitter do ilustrador e quadrinista Paulo Bruno. Considerando o texto e as duas imagens do tuíte, assinale a alternativa que melhor descreve o sentido de “interpretação” nesse contexto particular de uso.

- A) A imaginação, em desenho, do ponto de vista da *selfie* que é tematizada na foto.
 - B) A adulteração, no desenho, do significado da foto pela mudança de perspectiva.
 - C) A cópia, em ilustração, de uma fotografia que mostra a produção de uma *selfie*.
 - D) A recriação, em fotografia, da ilustração que simula uma *selfie* em grupo.
- 06.** Você provavelmente já encontrou pelas redes sociais o famigerado #sqn, aquele jeito telegráfico de dizer que tal coisa é muito legal, “só que não”. Agora, imagine uma língua diferente do português que tenha incorporado um conceito parecido na própria estrutura das palavras, criando o que foi apelidado de “sufixo frustrativo”. Bom, é assim no kotiria, um idioma da família linguística tukano falado por indígenas do Alto Rio Negro, na fronteira do Brasil com a Colômbia. Para exprimir a função “frustrativa”, o kotiria usa um sufixo com a forma –ma. Você quer dizer que foi até um lugar sem conseguir o que queria indo até lá? Basta pegar o verbo ir, que é wa’a em kotiria, e acrescentar o sufixo: wa’ama, “ir em vão”.

LOPES, R. J. L. A sofisticação das línguas indígenas. *Superinteressante*, 18 nov. 2021 (Adaptação).

O excerto, retirado de uma revista de jornalismo científico, exemplifica um processo de formação de palavras na língua indígena kotiria e o compara com o uso da *hashtag* #sqn.

É correto afirmar que essa comparação

- A) cria uma falsa equivalência, pois os processos morfológicos em kotiria e em português são diferentes.
- B) enfatiza a construção de efeitos de sentido parecidos por meio de processos distintos em kotiria e no português de Internet.
- C) permite compreender processos idênticos de formação de palavras nas línguas portuguesa e kotiria.
- D) ressalta as diferenças no uso dos sufixos -ma, em kotiria, e #sqn, no português usado na Internet.

07. Na última crônica da série *Bons dias!*, de 29 de agosto de 1889, série na qual um tema são as questões gerais em torno do curandeirismo, o narrador enuncia:

Hão de fazer-me esta justiça, ainda os meus mais ferrenhos inimigos; é que não sou curandeiro, eu não tenho parente curandeiro, não conheço curandeiro, e nunca vi cara, fotografia ou relíquia, sequer, de curandeiro. Quando adoço, não é de espinhela caída*, – coisa que podia aconselhar-me a curanderia; é sempre de moléstias latinas ou gregas. Estou na regra; pago impostos, sou jurado, não me podem arguir a menor quebra de dever público.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Campinas: Editora da UNICAMP, 2008. p. 295.

***espinhela caída:** designação popular para doenças caracterizadas por dores pelo corpo (peito, costas e pernas), além de cansaço físico.

Na “profissão de fé”, feita pelo narrador da crônica no parágrafo citado, percebe-se

- A) a distinção do narrador como uma figura avessa ao curandeirismo, por crença na ciência dos filósofos e pensadores gregos e latinos, o que marca o tom crítico da série.
- B) a caracterização do narrador como uma figura superior à população em geral, o que ecoa o tom analítico das crônicas dessa série.
- C) a repetição exagerada da palavra “curandeiro” (e “curanderia”), no trecho, como marca estilística da simplicidade linguística das crônicas dessa série.
- D) a personificação gerada por “quando adoço [...] é sempre de moléstias latinas ou gregas”, como marca do estilo empolado do narrador nessa série de crônicas.

08.

Ciclo

Manhã. Sangue em delírio, verde gomo,
 Promessa ardente, berço e liminar:
 A árvore pulsa, no primeiro assomo
 Da vida, inchando a seiva ao sol... Sonhar!

Dia. A flor, – o noivado e o beijo, como
 Em perfumes um tálamo e um altar:
 A árvore abre-se em riso, espera o pomo,
 E canta à voz dos pássaros... Amar!

Tarde. Messe e esplendor, glória e tributo;
 A árvore maternal levanta o fruto,
 A hóstia da ideia em perfeição... Pensar!

Noite. Oh! saudade!...A dolorosa rama
 Da árvore a aflita pelo chão derrama
 As folhas, como lágrimas... Lembrar!

BILAC, Olavo. *Tarde*. 1. ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1919. p. 12-13.

No soneto “Ciclo”,

- A) a reiteração de um mesmo tipo de frase no final de cada estrofe acentua o idealismo e a rememoração.
- B) a metáfora da árvore faz uso de um vocabulário botânico, que evoca o cientificismo da época.
- C) as frases nominais do início das estrofes contradizem os sentidos de cada estrofe anterior.
- D) o paralelismo estrutural entre as estrofes de “Ciclo” evoca o desgaste dos recursos do poeta.

09.

Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor
 O homem me deu a favela, o crack, a traiçagem, as arma,
 as bebida, as puta
 Eu?! Eu tenho uma *Bíblia* velha, uma pistola automática
 e um sentimento de revolta
 Eu tô tentando sobreviver no inferno.

RACIONAIS MC’S. *Gênesis*. In: *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 45.

A palavra “Gênesis” dá nome ao primeiro livro da *Bíblia*. Considerando a obra, na íntegra, dos Racionais MC’s e o excerto anterior dela reproduzido, pode-se dizer que, em relação a esse trecho, “gênesis” seria uma alusão

- A) à influência do cristianismo na dinâmica das comunidades periféricas.
- B) ao colapso planetário entrevisto já na origem do mundo natural.
- C) à origem divina do mundo contraposta aos problemas criados pelo homem.
- D) à origem religiosa dos conflitos armados e da violência social no Brasil.

UNICAMP-SP-2022

01. Tudo na vida é mortal, tudo se apaga. Se a tua chama se apaga é em ti que está a falta. Faz o que te digo e magia nenhuma te derrubará nesta vida. Tu és feitiço por excelência e não deves procurar mais magia nenhuma. Corpo de mulher é magia. Força. Fraqueza. Salvação. Perdição. O universo inteiro cabe nas curvas de uma mulher.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche*: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 38.

O excerto anterior corresponde a uma das primeiras lições que a conselheira amorosa oferece a Rami, a personagem principal do romance. Tendo em vista as várias peripécias vividas por Rami, essa lição é

- A) aceita pela protagonista, mas sua trajetória lhe ensina que o corpo feminino é, no fim das contas, perdição.
- B) abandonada pela personagem principal, uma vez que seu marido não se encanta com seus novos ardis.
- C) frustrada, pois Rami, ao conhecer suas rivais, percebe que não possui todos os atributos desejáveis.
- D) confrontada com a experiência pessoal de Rami e de suas rivais, transformando-as de modo significativo.

02. Tenho horror a de aqui a pouco vos ter já dito o que vos vou dizer. As minhas palavras presentes, mal eu as diga, pertencerão logo ao passado, ficarão fora de mim, não sei onde, rígidas e fatais... Falo, e penso nisto na minha garganta, e as minhas palavras parecem-me gente...

[...]

O que eu era outrora já não se lembra de quem sou... Às vezes, à beira dos lagos, debruçava-me e fitava-me... Quando eu sorria, os meus dentes eram misteriosos na água... Tinham um sorriso só deles, independentes do meu...

PESSOA, Fernando. *O marinheiro*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020. p. 51, 52.

Nos excertos anteriores, dois fenômenos são apresentados ao leitor e constituem o principal problema dramático da peça de Fernando Pessoa. Assinale a alternativa que identifica e explica corretamente esses fenômenos.

- A) As palavras e as imagens tornam-se independentes da pessoa humana. Isso significa a cisão entre o sujeito e o mundo ou, ainda, a crise de identidade pessoal reiterada nos diálogos.
- B) Proferir um discurso e ver-se refletido em um lago são situações dramáticas que sugerem a unidade entre ser e existir. A questão central, quem eu sou, é resolvida no desfecho da peça.

- C) Lembrar e esquecer são dois aspectos inseparáveis da estrutura dramática da peça. Se a imagem refletida no lago não se assemelha à pessoa que a contempla, as palavras, por sua vez, garantem a conexão entre o eu e a realidade exterior.
- D) O horror e o mistério das coisas são elementos básicos desse drama. Eles produzem, nas personagens, a convicção de que é útil narrar as experiências do passado porque assim se revela o seu verdadeiro significado.

03.

As Ondas

Entre as trêmulas mornas ardentias,
A noite no alto-mar anima as ondas.
Sobem das fundas úmidas Golcondas,
Pérolas vivas, as nereidas frias:

Entrelaçam-se, correm fugidias,
Voltam, cruzando-se; e, em lascivas rondas,
Vestem as formas alvas e redondas
De algas roxas e glaucas pedrarias.

Coxas de vago ônix, ventres polidos
De alabastro, quadris de argêntea espuma,
Seios de dúbia opala ardem na treva;

E bocas verdes, cheias de gemidos,
Que o fósforo incendeia e o âmbar perfuma,
Soluçam beijos vão que o vento leva...

BILAC, Olavo. *Tarde*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1919. p. 48.

Em relação ao soneto de Olavo Bilac (no contexto de sua época), é correto afirmar que a seleção lexical favorece a

- A) descrição objetiva que o eu lírico faz da fantasia amorosa recorrendo à riqueza mineral dos oceanos.
- B) representação estética que o eu lírico faz do desejo amoroso associado a fenômenos naturais.
- C) descrição científica que o eu lírico faz do corpo feminino recorrendo a fenômenos da natureza.
- D) representação natural que o eu lírico faz do jogo de sensualidade associado à mitologia grega.

Ardentia: s.f. fosforescência sobre as ondas do mar, à noite.

Golconda: s.f. (fig.) mina de riquezas.

Nereida: s.f. cada uma das ninfas do mar, filhas de Nereu.

Disponível em: www.aulete.com.br. Acesso em: 30 jul. 2021.

04. Na ribeira do Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pela memória
Aquele breve bem, aquela glória,
Que em ti, doce Sião, tinha passado.

Da causa de meus males perguntado
Me foi: Como não cantas a história
De teu passado bem e da vitória
Que sempre de teu mal hás alcançado?

Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta, pois, e não chores dessa sorte.

Respondi com suspiros: Quando cresce
A muita saudade, o piedoso
Remédio é não cantar senão a morte.

HUE, Sheila (org.). *Luís de Camões: 20 sonetos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018. p. 113.

Considerando as características formais e o núcleo temático, é correto afirmar que o poema retoma o dito popular

- A) "longe dos olhos, perto do coração".
- B) "mais vale cantar mal que chorar bem".
- C) "a cada canto seu Espírito Santo".
- D) "quem canta seus males espanta".

05. [...] eu sou um pobre relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descri do ofício. [...] Um exemplo. O Partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair, com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da chapelaria Aristocrata); era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio está adiantado, ou o de Sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?

ASSIS, Machado de. *Bons dias*. Introdução e notas John Gledson. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 79.

Com relação ao excerto da crônica de Machado de Assis, publicada em 05 de abril de 1888 na Gazeta de Notícias, é correto afirmar que a metáfora mecânica faz referência à passagem do tempo, aludindo à expectativa de mudança de

- A) regime a partir de discordâncias políticas que levaram à eleição do governo imperial.
- B) século, marcada pela perspectiva da chegada do meteorito de Bendegó na corte imperial.

- C) mentalidade escravagista, com um pacto político para suspensão de costumes imperiais.
- D) legislação, com a alternância entre partidos para a formação de um novo ministério do governo imperial.

06. No ano seguinte, o Ateneu revelou-se-me noutro aspecto. Conhecera-o interessante, com as seduções do que é novo, com as projeções obscuras de perspectiva, desafiando curiosidade e receio; conhecera-o insípido e banal como os mistérios resolvidos, caído de tédio; conhecia-o agora intolerável como um cárcere, murado de desejos e privações. POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1980. p. 98.

Com base no excerto que inicia o capítulo VIII do romance de Raul Pompéia e no seu subtítulo – Crônica de saudades –, é correto afirmar que a obra é

- A) um relato, em primeira pessoa, de experiências coletivas e íntimas, no qual o protagonista mostra aspectos da realidade social, valorizando o sistema escolar e prisional.
- B) um romance de formação, no qual o protagonista revela condutas e intrigas no ambiente escolar, com elogios à pedagogia corretiva e aos valores morais da burguesia.
- C) uma narrativa memorialista de experiências vividas num internato, na qual o protagonista revela aspectos do sistema educacional da época, com críticas à hipocrisia burguesa.
- D) um relato saudosista de experiências vividas no internato, no qual o protagonista mostra o poder de sedução e corrupção das amizades, com críticas à falsidade da burguesia.

Instrução: Textos para as questões **07** e **08**.

Texto I



BANIWA, Denilson. *Repovoamento da memória de uma cidade-floresta*, 2021. Mural lambe-lambe, 3,80 x 12 m. Disponível em: <https://www.premiopia.com/wp-content/uploads/2019/03/23-Denilson-Baniwa.jpeg>. Acesso em: 5 jul. 2021.

Texto II

Para que as memórias e tradições permaneçam vivas, o Museu da Pessoa, a Rádio Yandê e Ailton Krenak vão realizar uma formação virtual em memória e mídias para que jovens das comunidades originárias registrem as histórias de vida de seus anciãos e anciãs.

O ditado “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” é válido para os povos indígenas, portanto nosso lema é “Cada ancião que se preserva é uma biblioteca que se salva”. Na tradição dos povos indígenas, todo conhecimento de plantas, de cura, de mitos e narrativas é produzido de maneira oral. “A gente não sabe até quando que vão ter esse conhecimento completo. A gente vai morrendo e vai se apagando tudo. A gente não é igual vocês, que fica tudo guardado em algum lugar [...]” (Awapataku Waura, ancião e pajé do povo Waura).

“Projeto Vidas Indígenas”, vídeo institucional do Museu da Pessoa, sobre registro de narrativas orais indígenas. Disponível em: <https://benfeitoria.com/vidasindigenas>. Acesso em: 4 abr. 2021 (Adaptação).

07. O mural criado pelo artista Denilson Baniwa (texto I) e o excerto da apresentação do Projeto Vidas Indígenas (texto II) tratam da memória dos povos indígenas. Assinale a alternativa que sintetiza os dois textos.

- A) Os conhecimentos produzidos por narrativas orais são facilmente perdidos, por isso os povos indígenas não conseguem transmitir sua memória.
- B) A produção de imagens e o uso de mídias tecnológicas em comunidades indígenas são atualmente o único meio de esses povos contarem suas histórias.
- C) Os textos orais indígenas dão forma a memórias, saberes e visões de mundo desses povos, por isso devem ser registrados e mantidos.
- D) O mural ressalta a perda da memória dos povos indígenas e o excerto propõe meios de modernização da produção de narrativas e saberes.

08. No texto II (Projeto Vidas Indígenas), é utilizada uma metáfora que relaciona “ancião” e “biblioteca”. As citações a seguir tratam da importância de anciãos e anciãs indígenas para a transmissão do conhecimento. Assinale aquela que também faz uso de uma metáfora.

- A) “Perder um ancião é o mesmo que fechar um livro. Ou mesmo queimar um livro” (Comissão Pró-Índio, Twitter, via @g1).
- B) “Morte de anciãos indígenas na pandemia pode fazer línguas inteiras desaparecerem” (manchete da BBC Brasil News).
- C) “A morte de uma anciã ou um ancião é tratada como se uma biblioteca fosse perdida” (site “Racismo Ambiental”).
- D) “Nikaiti Mekranotire é mais uma vítima do covid-19. Perdemos uma enciclopédia” (Mayalú Txucarramãe, Twitter).

09. Leia, a seguir, o título e subtítulo de uma reportagem.

Roça-office: dobra procura por imóveis no interior baiano durante pandemia

Reflexão sobre vivência urbana tem causado um novo êxodo urbano; conheça histórias e veja quando vale a pena se mudar

Correio 24 Horas, 21 jun. 2021.

Ao longo da pandemia da covid-19 tornou-se cada vez mais recorrente o uso da expressão de língua inglesa *home office* (em tradução literal, “escritório em casa”) para se referir a trabalho a distância ou a teletrabalho. Indique a alternativa que descreve o processo de composição do neologismo “roça-office”, conforme empregado no título da reportagem.

- A) A substituição do vocábulo em inglês “home” por “roça” torna o uso desse estrangeirismo mais adequado à grafia do português.
- B) A justaposição de “roça” e “office” produz um efeito cômico pelo contraste entre os meios rural e urbano na formação do neologismo.
- C) A justaposição de “roça” e do neologismo “office” baseia-se na similaridade fonético-fonológica entre os vocábulos “home” e “roça”.
- D) A aglutinação dos radicais “roça” e “office” adapta o neologismo aos imóveis brasileiros e produz o efeito de humor na manchete.

10.

Texto I



VALLIAS, André. 2020. Disponível em: <https://gramho.com/media/2412019968340930281>. Acesso em: 20 jun. 2021.

Texto II



OITICICA, Hélio. Bandeira-poema [Seja marginal, seja herói], 1968. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra2638/bandeirapoema>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Considere o diálogo intertextual entre os dois poemas e assinale a alternativa correta.

- A) O texto II parodia o texto I ao deslocar o tema da conectividade no meio digital para o elogio da marginalidade como ato heroico.
- B) O texto I parafraseia o texto II ao chamar atenção para a posição marginal imposta a quem resiste à pressão de viver conectado às redes.
- C) O texto II alude ao texto I para reforçar a equivalência entre as condições de ficar “off-line” e ser “marginal” em cada contexto.
- D) O texto I parodia o texto II para situar como heroico e transgressivo o ato de se desconectar das redes sociais no contexto atual.

UNICAMP-SP-2021

11. No conjunto de seus diferentes usos, a palavra “cultura” pode significar um valor individual do sujeito que “tem cultura”; um valor coletivo de povos, etnias e grupos sociais que produzem bens culturais que podem tornar-se propriedade de alguns; um valor de produto comercializado, como um livro, um quadro, uma peça teatral. O controle da circulação de bens começa com a invenção da imprensa no século XV, seguida da regulação dos direitos autorais e de reprodução. Hoje, a expansão da tecnologia digital, o compartilhamento nas redes e seu monopólio resultam em condições ainda mais complexas de produção, circulação e comercialização de bens culturais. Além disso, tradições milenares no Extremo Oriente e em alguns povos originários da América Latina mostram que o mundo não é só o que chamamos de Ocidente e que as noções de cópia, original, livre e coletivo diferem entre culturas diversas. Nesse contexto, pergunta o autor, como defender uma cultura livre?

FOLETO, Leonardo. Introdução ao livro *A cultura é livre: uma história da resistência antipropriedade*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/cultura-seustres-significados-e-sualibertacao/>. Acesso em: 10 abr. 2021 (Adaptação).

Com base no que afirma o autor, a defesa de uma cultura livre dependeria

- A) da produção e circulação de bens culturais por grupos sociais.
 - B) da atenção dada aos valores individuais e aos direitos autorais.
 - C) da consideração de experiências e valores de outras culturas.
 - D) do compartilhamento de bens culturais via tecnologia digital.
12. O texto a seguir faz parte de um glossário publicado nas redes sociais do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Refugiado

Pessoas refugiadas são aquelas que estão fora de seu país de origem por medo de perseguição relacionada a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a determinado grupo social, como também à grave violação de direitos humanos e violência generalizada (conceito este aplicado pela Declaração de Cartagena de 1984).

Migrante

Refere-se à pessoa que se desloca dentro de seu próprio país, mas também pode ser usada para falar dos deslocamentos internacionais, sobre quem busca melhores condições de vida, motivada por fatores econômicos ou educacionais, podendo retornar com segurança ao seu país de origem, caso assim desejem.



Perfil de Instagram do ACNUR Brasil:
Disponível em: <https://www.instagram.com/acnurbrasil>.
Acesso em: 26 jun. 2021.

Sobre os verbetes do glossário do ACNUR, é correto dizer que

- A) contextualizam os usos dos dois termos pela agência.
- B) enfatizam a sinonímia dos termos no uso pela agência.
- C) evidenciam uma antonímia dos significados dos termos.
- D) informam as acepções figuradas de cada um dos termos.

01. Esses artifícios de montagem, mixagem e *scratching* dão ao *rap* uma variedade de formas de apropriação que parecem tão volúveis e imaginativas quanto as das artes maiores – como, digamos, as exemplificadas na “Mona Lisa de bigode” de Duchamp e nas múltiplas reduplicações de imagens comerciais pré-fabricadas de Andy Warhol. O *rap* também apresenta uma variedade de conteúdos. Não apenas utiliza trechos de canções populares, como também absorve ecleticamente elementos da música clássica, de apresentações de TV, de *jingles* de publicidade e da música eletrônica de *videogames*. Ele se apropria até mesmo de conteúdos não musicais, como reportagens de jornais na TV e fragmentos de discursos de Malcom X e Martin Luther King.

SHUSTERMAN, Richard. *Vivendo a arte*. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 149.



DUCHAMP, Marcel. *Mona Lisa de bigode*. 1919.

A emergência e a consolidação do *rap* como linguagem artística foram cercadas de polêmicas de natureza ética, política e cultural. Com base no excerto anterior e no quadro de Marcel Duchamp, assinale a alternativa correta.

- A) Os elementos poéticos do *rap* não podem ser comparados aos procedimentos das artes maiores, pois sua preocupação é mais política do que artística.
- B) A incorporação das referências culturais nas canções dos Racionais Mc's é comparável ao gesto de Marcel Duchamp ao pintar um bigode na Mona Lisa, de Leonardo da Vinci. Ambos são apropriações imaginativas e críticas.
- C) O modernismo de Marcel Duchamp, os quadros do pintor norte-americano Andy Warhol e as canções de *rap* não têm valor artístico, pois expressam a degradação e o ecletismo de uma sociedade de massas.
- D) O *rap* dos Racionais Mc's e as artes modernas não fazem distinção entre a cultura erudita e a de massa, misturam os seus elementos e produzem obras destituídas de crítica social.

02. Certas imagens literárias podem tornar-se nucleares para uma cultura. Assim, por exemplo, a figura do marinheiro em Portugal. Ela adquire significados diferentes em períodos históricos distintos, mas conserva um elemento permanente. A semelhança entre a imagem do marinheiro em Camões e em Fernando Pessoa reside

- A) no realismo moral do povo português, resultado da era das grandes navegações e da expansão do catolicismo.
- B) na representação de uma identidade coletiva e individual sob o signo da mudança, do risco e da travessia.
- C) na alegoria da degradação moral dos amantes e dos aventureiros, movidos pelo desejo sexual e pela cobiça material.
- D) na simbolização dos ideais econômicos de Portugal, com reflexos na vida espiritual.

03.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,

Muda-se o ser, muda-se a confiança:

Todo o mundo é composto de mudança,

Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,

Diferentes em tudo da esperança:

Do mal ficam as mágoas na lembrança,

E do bem (se algum houve) as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,

Que já coberto foi de neve fria,

E em mim converte em choro o doce canto.

E afora este mudar-se cada dia,

Outra mudança faz de mor espanto,

Que não se muda já como soía*.

*soía: terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo do verbo "soer" (costumar, ser de costume).

CAMÕES, Luís Vaz de. *20 sonetos*. Campinas: Editora da Unicamp. p. 91.

Indique a afirmação que se aplica ao soneto escrito por Camões.

- A) O poema retoma o tema renascentista da mudança das coisas, que o poeta sente como motivo de esperança e de fé na vida.
- B) A ideia de transformação refere-se às coisas do mundo, mas não afeta o estado de espírito do poeta, em razão de sua crença amorosa.
- C) Tudo sempre se renova, diferentemente das esperanças do poeta, que acolhem suas mágoas e saudades.
- D) Não apenas o estado de espírito do poeta se altera, mas também a experiência que ele tem da própria mudança.

04. No conto "O espelho", de Machado de Assis, uma personagem assume a palavra e narra uma história. Assinale a alternativa que explicita sua interlocução com os cavalheiros presentes.

- A) "Lembra-me de alguns rapazes que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo."
- B) "Ah! pérfidos! Mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados."
- C) "Imaginei um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver."
- D) "O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo."

ASSIS, Machado de. *O espelho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

05. "Era Noca, que vinha toda alterada.

– Nossa Senhora! Quebrou-se o espelho grande do salão!

– Quem foi que o quebrou? Perguntou Nina, para dizer alguma coisa.

– Ninguém sabe. Veja só, que desgraça estará para acontecer! Espelho quebrado: morte ou ruína.

– Morte! Se fosse a minha..."

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A Falência*.

Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 257.

O diálogo apresenta a reação das personagens femininas ao incidente doméstico com o objeto de decoração no palacete de Botafogo. Assinale a alternativa que justifica a fala final de Nina.

- A) A destruição do espelho a leva a desejar a morte, pois sugere o alívio para a frustração amorosa.
- B) A quebra do espelho lhe provoca o temor da morte, uma vez que antecipa a ruína financeira.
- C) A destruição do espelho traz a certeza da morte, pois sinaliza o suicídio do ser amado.
- D) A quebra do espelho a faz desejar a morte, pois sugere a catástrofe amorosa do casamento.

06. "Repartimos a vida em idades, em anos, em meses, em dias, em horas, mas todas estas partes são tão duvidosas, e tão incertas, que não há idade tão florente, nem saúde tão robusta, nem vida tão bem regrada, que tenha um só momento seguro."

VIEIRA, António. Sermão de quarta-feira de cinza – ano de 1673. In: *A arte de morrer*.

São Paulo: Nova Alexandria, 1994. p. 79.

Nesta passagem de um sermão proferido em 1673, António Vieira retomou os argumentos da pregação que fizera no ano anterior e acrescentou novas características à morte. Para comover os ouvintes, recorreu ao uso de anáforas.

Assinale a alternativa que corresponde ao efeito produzido pelas repetições no sermão.

- A) A repetição busca sensibilizar os fiéis para o desengano da passagem do tempo.
- B) A repetição busca demonstrar aos fiéis o temor de uma vida longa.
- C) A repetição busca sensibilizar os fiéis para o valor de cada etapa da vida.
- D) A repetição busca demonstrar aos fiéis a insegurança de uma vida cristã.

- 07.** De acordo com Heloísa Starling, *Sertão* é uma palavra carregada de ambiguidade. *Sertão* pode indicar a formação de um espaço interno, a fronteira aberta, ou um pedaço da geografia brasileira onde a terra se torna mais árida, o clima é seco, a vegetação escassa. Mas a palavra é igualmente utilizada para apontar uma realidade política: a inexistência de limites, o território do vazio, a ausência de leis, a precariedade dos direitos. *Sertão* é, paradoxalmente, o potencial de liberdade e o risco da barbárie – além de ser também uma paisagem fadada a desaparecer.

STARLING, Heloisa Murgel. *A palavra "sertão" e uma história pouco edificante sobre o Brasil*. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2243-a-palavra-sert%C3%A3o-e-uma-hist%C3%B3ria-pouco-edifi-cante-sobre-o-brasil.html>. Acesso em: 6 ago. 2018 (Adaptação).

Assinale o excerto que corresponde à ideia de sertão desenvolvida pela autora.

- A) "Se achardes no Sertão muito sertão, lembrai-vos que ele é infinito, e a vida ali não tem esta variedade que não nos faz ver que as casas são as mesmas, e os homens não são outros." (Machado de Assis)
- B) "Nessa época o sertão parece a terra combusta do profeta; dir-se-ia que por aí passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das árvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indígenas." (José de Alencar)
- C) "Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade." (Guimarães Rosa)
- D) "Dilatam-se os horizontes. O firmamento, sem o azul carregado dos desertos, alteia-se, mais profundo, ante o expandir revivescente da terra. E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono." (Euclides da Cunha)

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Ática, 1995. p. 15;
 ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. v. 3, p. 765; CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ateliê, 2001. p. 135;
 ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 8.

- 08.** Entre os versos de Gilberto Gil transcritos a seguir, podemos identificar uma relação paradoxal em:
- A) "Sou viramundo virado / pelo mundo do sertão."
 B) "Louvo a luta repetida / da vida pra não morrer."
 C) "De dia, Diadorim, / de noite, estrela sem fim."
 D) "Toda saudade é presença / da ausência de alguém."

- 09.** A Equipe AzMina fez um experimento buscando no Google "frases para o Dia das Mães". E o resultado foi um festival de frases que romantizam a maternidade. Ativaram, então, "sua caneta desromantizadora" para "corrigir" essas frases que estamos tão acostumados a ouvir, e muitas vezes reproduzir.



EQUIPE AzMina. *Caneta desromantizadora de mensagens de dia das mães*. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/caneta-desromantizadora-de-mensagens-de-dia-das-maes/>. Acesso em: 9 maio 2020 (Adaptação).

As frases são "desromantizadas" porque a Equipe AzMina reconhece

- A) o sofrimento como condição para a vocação materna e para a realização feminina.
 B) o amor materno como herança familiar, mesmo quando ele é remunerado.
 C) a sobrecarga das mães na criação dos filhos, considerando também outras formas de maternidade.
 D) a maternidade como sendo difícil, trabalhosa e, ainda assim, heroica e instintiva.

- 10.** Entre todas as palavras do momento, a mais flamejante talvez seja *desigualdade*. E nem é uma boa palavra, incomoda. Começa com *des*. *Des* de desalento, *des* de desespero, *des* de desesperança. *Des*, definitivamente, não é um bom prefixo.

Desigualdade. A palavra do ano, talvez da década, não importa em que dicionário. Doravante ouviremos falar muito nela.

De-si-gual-da-de. Há quem não veja nem solete, mas está escrita no destino de todos os ônibus da cidade, sentido centro/subúrbio, na linha reta de um trem. Solano Trindade, no sinal fechado, fez seu primeiro *rap*, “tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome”, somente com esses substantivos. Você ainda não conhece o Solano? Corra, dá tempo. Dá tempo para você entender que vivemos essa desigualdade. Pegue um ônibus da Avenida Paulista para a Cidade Tiradentes, passe o vale-transporte na catraca e simhora – mais de 30 quilômetros. O patrão jardinesco vive 23 anos a mais, em média, do que um humaníssimo habitante da Cidade Tiradentes, por todas as razões sociais que a gente bem conhece.

Evitei as estatísticas nessa crônica. Podia matar de desesperança os leitores, os números rendem manchete, mas carecem de rostos humanos. Pega a visão, imprensa, só há uma possibilidade de fazer a grande cobertura: mirese na desigualdade, talvez não haja mais jeito de achar que os pontos da bolsa de valores signifiquem a ideia de fazer um país.

XICO SÁ. A vidinha sururu da desigualdade brasileira. *El País*, 28 out. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/28/opinion/1572287747_637859.html?fbclid=IwAR1VPA7qDYs1Q0Ildy6UGAJTwBO_snMDUAw4yZpZ3zyA1ExQx_XB9Kq2qU. Acesso em: 25 maio 2020 (Adaptação).

A crônica instiga o leitor a ficar atento à desigualdade na cidade de São Paulo. Assinale a alternativa que identifica corretamente os recursos expressivos (estilísticos e literários) de que se vale o autor.

- A) A desigualdade está escrita nas linhas de trens e ressoa nos versos de Solano Trindade: onomatopeia.
- B) No destino dos transportes coletivos no sentido centro subúrbio é possível viver a desigualdade: eufemismo.
- C) A desigualdade se mostra na expectativa de vida dos moradores de bairros bem situados e periferias: alusão.
- D) Na cobertura da imprensa, números da desigualdade perdem para pontos da bolsa de valores: ambiguidade.

11. Assinale a alternativa que identifica corretamente recursos linguísticos explorados pelo autor nessa crônica.

- A) Uso de verbos no imperativo, linguagem informal, texto impessoal.
- B) Marcas de coloquialidade, uso de primeira pessoa, linguagem objetiva.
- C) Marcas de oralidade, uso expressivo de recursos ortográficos, subjetividade do autor.
- D) Uso de variação linguística, linguagem neutra, apelo ao tom coloquial.

12.

“Se Cabral tivesse uma vaga noção d’ACAPA de hoje, véspera do 22 de abril de 2020, provavelmente teria desviado o curso de suas caravelas rumo a outras terras.”



ACAPA. Disponível em: <https://www.facebook.com/acapabr/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ACAPA é um perfil de Facebook, que publica capas possíveis de revista. O efeito humorístico na leitura dessa edição de ACAPA decorre mais precisamente do uso

- A) da expressão “terra à vista”, que remete à época em que a terra ainda era plana.
- B) da expressão “abundam birutas”, em referência aos povos originários do Brasil.
- C) do pronome relativo “cujo” para indicar o destino traçado para a terra plana há 520 anos.
- D) da imagem de uma biruta mostrando a direção do vento, aliada à referência a “birutas” atuais.

13.

GÊNESIS (INTRO)

Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor
O homem me deu a favela, o crack, a traiçagem
As arma, as bebida, as puta
Eu?

Eu tenho uma *Bíblia* velha, uma pistola automática
Um sentimento de revolta
Eu tô tentando sobreviver no inferno

RACIONAIS MC'S. *Sobrevivendo no inferno*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 45.

"Gênesis" é a segunda canção do álbum *Sobrevivendo no Inferno*. É antecedida pela invocação de uma outra canção, intitulada "Jorge da Capadócia", de Jorge Ben.

É correto afirmar que as evocações dos elementos religiosos nesse álbum

- A) legitimam a violência social a que estão submetidos os pobres.
- B) dificultam a tomada de consciência da população negra.
- C) articulam as esferas ética e estética da experiência humana na poesia.
- D) dissimulam a hipocrisia moral das pessoas religiosas.

14.

Tradicionalmente, o palco pode apresentar uma variedade de estilos cênicos, entre os quais se destacam o estilo *realista* (põe em evidência detalhes ambientais para sugerir sensações e emoções vividas pelas personagens), o estilo *expressionista* (os objetos são distorcidos ou estilizados, com o fim de sugerir, mais que mostrar, o ambiente de atuação das personagens), o estilo *simbolista* (os objetos concretos sugerem ideias abstratas, segundo associações sinestéticas tradicionais: o verde, vestido pelos mágicos, indica a esperança; o vermelho, a cor do demônio, sugere uma paixão violenta; a veste branca simboliza a candura, a castidade).

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto 2: Teoria da lírica e do drama*. São Paulo: Ática, 1995, p. 138 (Adaptação).

Sem identidade, hierarquias no chão, estilos misturados, a pós-modernidade é isto e aquilo, num presente aberto pelo e.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é o pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 110.

Com base nas indicações cênicas (as didascálias) que abrem e fecham a peça *O marinheiro*, de Fernando Pessoa, é correto afirmar que o seu estilo é

- A) expressionista, dadas a ausência de ações dramáticas e a presença de sugestões alegóricas como, por exemplo, o canto do galo.
- B) simbolista, uma vez que os elementos que compõem a cena dramática sugerem alguns significados de natureza filosófica.
- C) realista, porque as imagens da noite, do luar e do alvorecer indicam precisamente a passagem do tempo.
- D) pós-modernista, tendo em vista que os objetos descritos criam uma atmosfera mágica, na qual a ilusão não se distingue da realidade.

15. Leia o poema e responda à questão que se segue.

A fermosura desta fresca serra
e a sombra dos verdes castanheiros,
o manso caminhar destes ribeiros,
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a estranha terra,
o esconder do Sol pelos outeiros,
o recolher dos gados derradeiros,
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza
com tanta variedade nos oferece,
se está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
sem ti, perpetuamente estou passando,
nas mores alegrias, mor tristeza.

É correto afirmar que, no soneto de Camões,

- A) a beleza natural aborrece o eu lírico, uma vez que se transforma em objeto de suas maiores tristezas.
- B) a variedade da paisagem está em harmonia com o sentimento do eu lírico porque a relação amorosa é imperfeita.
- C) a harmonia da natureza consola o eu lírico das imperfeições da vida e da ausência da pessoa amada.
- D) a singularidade da natureza entristece o eu lírico quando ele está distante da pessoa amada.

16.

O conto "O espelho", de Machado de Assis, apresenta o esboço de uma teoria sobre a alma humana. A tese apresentada defende a existência de duas almas (interior e exterior), que completam o homem. Contudo, o narrador faz uma distinção entre as almas que mudam de natureza e estado e aquelas que são enérgicas. Escolha a alternativa que ilustra, no conto, a mutabilidade da alma exterior.

- A) A liderança é a força sem a qual o poder político de Oliver Cromwell se extingue.
- B) A patente é a marca de distinção, sem a qual Jacobina se extingue.
- C) Os versos de Luís de Camões são uma declaração de amor à pátria, pela qual o poeta se dispõe a morrer.
- D) As moedas de ouro são o valor visível sem o qual Shylock prefere morrer.

17.

"O vento da vida, por mais que cresça, nunca pode chegar a ser bonança; o vento da fortuna pode chegar a ser tempestade, e tão grande tempestade, que se afogue nela o mesmo vento da vida."

VIEIRA, António. Sermão de quarta-feira de cinza do ano de 1672. In: *A Arte de Morrer*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994, p. 56.

No sermão proferido na Igreja de Santo Antônio dos Portugueses, em Roma, Vieira recorre a uma metáfora para chamar a atenção dos fiéis sobre a morte.

Assinale a alternativa que expressa a mensagem veiculada pela imagem do vento.

- A) A vida dos fiéis é comparável à tranquilidade da brisa em alto-mar.
- B) A fortuna dos fiéis é comparável à força das intempéries marítimas.
- C) A fortuna dos fiéis é comparável à felicidade eterna.
- D) A vida dos fiéis é comparável à ventura dos navegadores.

18. “— Reputação! Ora, mamãe, e é a senhora quem me fala nisso!

Camila estacou, sem atinar com a resposta, compreendendo o alcance das palavras do filho.

A surpresa paralisou-lhe a língua; o sangue arrefeceu-se-lhe nas veias; mas, de repente, a reação sacudiu-a e então, num desatino, ferida no coração, ela achou para o Mário admoestações mais ásperas. Percebeu que a língua mais dizia que a sua vontade; mas não poderia contê-la. A dor atirava-a para diante, contra aquele filho, até então poupado.”

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *A falência*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 123.

A passagem apresenta a reação de Camila às palavras de seu filho. Assinale a alternativa que explica corretamente o comentário de Mário.

- A) Mário contrapõe-se à censura materna com sentimento de compaixão.
- B) Mário rejeita as reservas maternas com censura moral.
- C) Mário contrapõe-se à censura materna com desdém pela família.
- D) Mário rejeita as reservas maternas com vergonha pelas dívidas acumuladas.

19. Num mundo dominado por homens, a mulher é tratada como um ser diferenciado, que merece uma designação especial. Enquanto a expressão “o homem” pode equivaler a “o ser humano”, como na frase “O homem é mortal”, a expressão “a mulher” só se refere aos seres humanos do gênero feminino. A língua também revela um tratamento diferente dado à mulher na sociedade ao conter designações específicas para ela, inexistentes para o homem. Assim, a mulher de um chefe de governo é chamada de “primeira-dama”, mas o marido de uma mulher que desempenha aquele cargo não é chamado de “primeiro-cavalheiro”.

Conta-se que Cecília Meireles recusava a designação de “poetisa”, por achar que esse termo não tinha a mesma conotação de “poeta” (usado para os homens), ao contrário, soava até pejorativo. Por outro lado, Dilma Rousseff exigia que a tratassem por “presidenta” para enfatizar que quem ocupava o cargo de chefe da nação brasileira era finalmente uma mulher.

ARAUJO, Francisco Jardes Nobre de. *O machismo na linguagem*. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/o-machismo-na-linguagem?fbclid=IwAR0n7sVvu2mNioWa1Gpp0BZL4TP6Uo-hGK7DKyIltgIxkdtrFoOaI6OEPCEZ>. Acesso em: 5 jun. 2020 (Adaptação).

Segundo o autor de “O machismo na linguagem”,

- A) o hábito de usar “o homem” para representar a humanidade faz com que o feminino se torne um gênero subalterno.
- B) a prática da designação do gênero feminino na língua portuguesa leva ao fim o privilégio do masculino na linguagem.
- C) o emprego de palavras no feminino evita o viés machista e incentiva uma menor diferenciação entre os gêneros.
- D) a escolha de algumas palavras para marcar o gênero feminino pode se relacionar com a valorização social da mulher.

20. A Amazônia em chamas, a censura voltando, a economia estagnada, e a pessoa quer falar de quê? Dos cafonas. Do império da cafonice que nos domina. O cafona fala alto e se orgulha de ser grosseiro e sem compostura. Acha que pode tudo. Não há ética que caiba a ele. Enganar é ok. Agredir é ok. Gentileza, educação, delicadeza, para um convicto e ruidoso cafona, é tudo coisa de maricas. O cafona fura filas, canta pneus e passa sermões. Despreza a ciência, porque ninguém pode ser mais sabido que ele. O cafona quer ser autoridade para poder dar carteiradas. Quer bajular o poderoso e debochar do necessitado. Quer andar armado. Quer tirar vantagem em tudo. Unidos, os cafonas fazem passeatas de apoio e protestos a favor. Atacam como hienas e se escondem como ratos. Existe algo mais brega do que um rico roubando? Algo mais chique do que um pobre honesto? É sobre isso que a pessoa quer falar, apesar de tudo que está acontecendo. Porque só o bom gosto pode salvar este país.

YOUNG, Fernanda. *Bando de cafonas*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-sua-ultima-coluna-fernanda-young-sent-enciacaconice-detesta-arte-23903168>. Acesso em: 25 maio 2020 (Adaptação).

*cafona: quem tem ou revela mau gosto (roupa cafona); que revela gosto ou atitude vulgares. (Adaptado de aulete.com.br.)

Essa releitura do significado de “cafona” salienta

- A) a importância das atitudes de determinado grupo de pessoas em relação aos problemas que o país de fato enfrenta.
- B) o controle do poder político nas mãos de pessoas desprovidas de ética e educação nas formas como se relacionam com o meio ambiente.
- C) a incorporação de padrões de comportamento e de convivência social baseada na vulnerabilidade das classes minoritárias.
- D) o privilégio de uma parcela da sociedade em relação a outras e a forma como isso determina os dilemas enfrentados pelo país.

- 21.** Em relação aos recursos de coesão usados na construção do texto, é correto afirmar que:
- A) a “economia estagnada” é retomada no uso da expressão “dar carteiradas”.
 - B) o uso de “isso”, no final do texto, retoma as ideias de cafonice e honestidade.
 - C) “apesar de tudo”, na penúltima linha, retoma o que a autora denomina “império da cafonice”.
 - D) o “porque”, na última linha, explica que o país precisa do bom gosto dos cafonas.

22.

Texto 1

“Algumas vozes nacionais estão tentando atualmente encaminhar a discussão em torno da identidade ‘mestiça’, capaz de reunir todos os brasileiros (brancos, negros e mestiços). Vejo nesta proposta uma nova sutileza ideológica para recuperar a ideia da unidade nacional não alcançada pelo fracassado branqueamento físico. Essa proposta de uma nova identidade mestiça, única, vai na contramão dos movimentos negros e de outras chamadas minorias, que lutam pela construção de uma sociedade plural e de identidades múltiplas.”

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 16.

Texto 2

“Os meus olhos coloridos/ Me fazem refletir/ Eu estou sempre na minha/ E não posso mais fugir/ Meu cabelo enrolado/ Todos querem imitar/ Eles estão baratinados/ Também querem enrolar/ Você ri da minha roupa/ Você ri do meu cabelo/ Você ri da minha pele/ Você ri do meu sorriso/ A verdade é que você,/ (Todo brasileiro tem!)/ Tem sangue crioulo/ Tem cabelo duro/ Sarará crioulo.”

OLHOS Coloridos. Intérprete: Sandra de Sá.
Compositor: Macau. *In*: SANDRA de Sá. Intérprete: Sandra de Sá. RCA, 1981.

Considerando o alerta de Munanga em relação a algumas “vozes nacionais”, a canção de Macau

- A) resgata o antigo ideal da identidade nacional única.
- B) aponta a possibilidade de uma identidade múltipla.
- C) atesta que a pluralidade se opõe ao movimento negro.
- D) insiste nas lutas das minorias por uma unidade.

- 23.** Dizer que Caetano falou “X” porque “é um leonino vaidoso” quer dizer que: a) todo leonino é vaidoso (se leonino, vaidoso), ou b) que ele pertence a um subconjunto de leoninos, os vaidosos? (o que dá, no primeiro caso, “leonino, que é vaidoso” e no segundo, “leonino que é vaidoso”).

Sírio Possenti, postagem na rede social Facebook, 8 de agosto de 2020.

Entre os comentários à postagem, qual deles responde corretamente à pergunta do autor?

- A) “Em um determinado universo de crenças, leoninos são vaidosos. Isso é um clichê, um senso comum.”
- B) “‘É um leonino vaidoso’ = é como qualquer leonino, no caso, vaidoso. É vaidoso porque é vaidoso. Alternativa a.”
- C) “Entendo como a opção 2. Para que eu entendesse como opção 1, deveria ser: ‘como todo leonino, é vaidoso’, ou algo do tipo.”
- D) “Fico com a restritiva ‘leonino que é vaidoso’. Entendo que, ao trazer vaidoso a leonino, acentua o vaidoso já implicado em leonino.”

24. Texto 1

antipoema

é preciso rasurar o cânone
distorcer as regras
as rimas
as métricas
o padrão
a norma que prende a língua
os milionários que se beneficiam do nosso silêncio
do medo de se dizer poeta,
só assim será livre a palavra.

Ma Njanu é idealizadora do “Clube de Leitoras” na periferia de Fortaleza e da “Pretarau, Sarau das Pretas”, coletivo de artistas negras. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/6903974>. Acesso em: 20 maio 2020.

Texto 2

“O povo não é estúpido quando diz ‘vou na escola’, ‘me deixe’, ‘carneirada’, ‘mapear’, ‘farra’, ‘vagão’, ‘futebol’. É antes inteligentíssimo nessa aparente ignorância porque, sofrendo as influências da terra, do clima, das ligações e contatos com outras raças, das necessidades do momento e de adaptação, e da pronúncia, do caráter, da psicologia racial, modifica aos poucos uma língua que já não lhe serve de expressão porque não expressa ou sofre essas influências e a transformará afinal numa outra língua que se adapta a essas influências.”

CARTA de Mário a Drummond, 18 de fevereiro de 1925.
In: Lélia Coelho Frota, *Carlos e Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 101.

Apesar de passados quase 100 anos, a carta de Mário de Andrade ecoa no poema de Ma Njanu. Ambos os textos manifestam

- A) a ignorância ratificada do povo em sua luta para se expressar.
- B) a necessidade de diversificar a língua segundo outros costumes.
- C) a inteligência do povo e dos poetas livres de influências.
- D) a ingenuidade em se crer na possibilidade de escapar às regras.

UNICAMP-SP-2020

01. “O que é então o verossímil? Para encurtar: tudo aquilo em que a confiança é presumida. Por exemplo, os juízes nem sempre são independentes, os médicos nem sempre capazes, os oradores nem sempre sinceros. Mas presume-se que o sejam; e, se alguém afirmar o contrário, cabe-lhe o ônus da prova. Sem esse tipo de presunção, a vida seria impossível; e é a própria vida que rejeita o ceticismo.”

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 97-98.

Considerando o segundo “Sermão da Quarta-feira de Cinza” (1673), de Antonio Vieira, é correto afirmar que a presunção de confiança por parte do auditório cristão do século XVII decorre da

- habilidade política do pregador.
- atenção disciplinada dos ouvintes.
- crença na salvação e na danação eternas.
- defesa institucional da Igreja Católica feita pelo clero.

02. Ao descrever a rotina do protagonista Raimundo Silva, o narrador da *História do Cerco de Lisboa* afirma que só restaram fragmentos dos sonhos noturnos, “imagens insensatas aonde a luz não chega, indevassáveis até para os narradores, que as pessoas mal informadas acreditam terem todos os direitos e dispõem de todas as chaves.”

SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 122.

Com base nesse excerto e relacionando-o ao conjunto do romance, é correto afirmar que o narrador é

- polifônico, pois, ao considerar todos os pontos de vista das personagens, relativiza a visão de mundo e respeita a privacidade delas.
- observador, pois dissimula sua avaliação política da realidade ao se mostrar empático ao mundo das personagens.
- protagonista, pois, ao fazer parte da própria narrativa, assemelha-se às demais personagens e não pode duvidar dos protocolos necessários para contar a história de Portugal.
- onisciente, pois simula ser tolerante com a pluralidade de vozes narrativas, mas é a singularidade de seu modo de narrar que produz a coesão e a autonomia da narração.

03. As palavras organizadas comunicam sempre alguma coisa, que nos toca porque obedece a certa ordem. Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. Em palavras usuais: o conteúdo de uma obra literária só atua por causa da forma.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Ouro sobre azul e Duas Cidades, 2004. p. 178 (Adaptação).



A obra *Sobrevivendo no inferno* do grupo Racionais Mc's é composta pelas canções e pelo projeto editorial da capa e contracapa do CD. Nesse projeto editorial, encontram-se elementos visuais e verbais que estabelecem um jogo de formas e sentidos. Com base na afirmação de Antonio Candido, é correto afirmar que a organização desses elementos

- produz uma simetria entre som e sentido, sendo que tal simetria indica que os símbolos religiosos são uma resposta à violência.
 - configura um sistema de oposições, uma vez que imagens e palavras estabelecem tensões materiais e espirituais, constitutivas do sentido das canções.
 - configura uma sintaxe poética de ordem espiritual. Essa sintaxe espelha o caos e as injustiças vividos na periferia das grandes cidades.
 - produz uma lógica poética racional. Essa lógica se explicita na vitória do crime sobre a visão de mundo presente nos versículos bíblicos transcritos.
04. No conto “O espelho”, de Machado de Assis, o esboço de uma nova teoria sobre a dupla natureza da alma humana é apresentado por Jacobina. A personagem narra a situação em que se viu sozinha na casa da tia Marcolina.

“As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula, *tic-tac, tic-tac*, feria-me a alma interior como um piparote contínuo da eternidade.”

Considerando os indicadores da passagem do tempo na citação, é correto afirmar que

- A) o movimento oscilante do pêndulo do relógio expressa a duplicidade da alma interior.
- B) o som do velho relógio da sala materializa acusticamente a longevidade da alma interior.
- C) a sonoridade repetitiva do pêndulo intensifica as aflições da alma interior.
- D) o contínuo batimento das horas sugere o vigor da alma interior.

- 05.** Para inaugurar é preciso ter um defunto. Mas, por desgraça, nenhum turista se afoga, nenhuma calamidade se abate sobre a cidade e os moribundos têm o desprante de ressuscitarem. Na ordem estabelecida por Odorico, o bem vira mal e o mal, bem.

ROSENFELD, Anatol. A obra de Dias Gomes.
In: Teatro de Dias Gomes. Rio de Janeiro:
 Civilização Brasileira, 1972. p. xxvii.

A comicidade de *O Bem-amado*, de Dias Gomes, deriva em grande medida da inversão de valores que a peça encena. Considerando os propósitos satíricos da obra, assinale a alternativa que evidencia tal inversão.

- A) A destinação de recursos para a construção de um cemitério público confere dignidade aos mortos.
- B) A hospitalidade dada aos doentes ilustra o uso do orçamento em prol do sistema público de saúde.
- C) A promoção do pistoleiro a delegado de polícia visa à reinserção social do criminoso.
- D) A inauguração do cemitério dá oportunidade a que se reverencie a memória do benfeitor da cidade.

- 06.** No livro *A cabra vadia: novas confissões*, Nelson Rodrigues inicia a crônica "Os dois namorados" com a seguinte afirmação:

"há coisas que um grã-fino só confessa num terreno baldio, à luz de archotes, e na presença apenas de uma cabra vadia."

Na crônica "Terreno baldio" ele recorre ao mesmo animal para explicar a ideia que teve de criar "entrevistas imaginárias":

"Não podia ser um gabinete, nem uma sala. Lembrei-me, então, do terreno baldio. Eu e o entrevistado e, no máximo, uma cabra vadia. Além do valor plástico da figura, a cabra não trai. Realmente, nunca se viu uma cabra sair por aí fazendo inconfidências."

RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia: novas confissões.*
 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. p. 52 e 160.

O caráter confessional associado à figura da cabra nas crônicas tem relação com

- A) a veracidade dos depoimentos que o cronista testemunha nas entrevistas.
- B) a impostura dos contemporâneos que são objeto dos comentários do cronista.
- C) a antipatia do jornalista no que diz respeito à busca de identidade dos artistas entrevistados.
- D) a sinceridade dos intelectuais que são objeto das crônicas dos jornalistas.

- 07.** O poema a seguir vem impresso na orelha do livro *Psia*, de Arnaldo Antunes.

Psia é feminino
 de psiu;
 que serve para chamar a atenção
 de alguém, ou para pedir
 silêncio.

Eu berro as palavras
 no microfone
 da mesma maneira com que
 as desenho, com cuidado,
 na página.

Para transformá-las em coisas,
 em vez de substituírem
 as coisas.

Calos na língua; de calar.

Alguma coisa entre a piscina e a pia.

Um hiato a menos.

ANTUNES, Arnaldo. *Psia*. São Paulo: Iluminuras, 2012.

Na orelha do livro, Antunes apresenta ao leitor seu processo de criação poética. É correto dizer que o autor se propõe a

- A) revelar a primazia da comunicação oral sobre a escrita das palavras.
- B) discutir a flexão de gênero, que torna a palavra "psia" um substantivo.
- C) defender a conversão das palavras em coisas, mudando seu estatuto.
- D) explorar o poder de representação da interjeição exclamativa "psiu!".

- 08.**

Texto I

Os idiomas e suas regras são coisas vivas, que vão se modificando de maneira dinâmica, de acordo com o momento em que a sociedade vive. Um exemplo disso é a adoção do termo "maratonar", quando os telespectadores podem assistir a vários ou a todos os episódios de uma série de uma só vez.

Contudo, ao que parece, a plataforma Netflix não quer mais estar associada à “maratona” de séries. A maior razão seria a tendência atual que as gigantes da tecnologia têm seguido para evitar o consumo excessivo e melhorar a saúde dos usuários.

YUGE, Claudio. *Você notou?* Netflix parece estar evitando o termo “maratonar”.

Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/133690-voce-notou-net-flix-pareceevitando-termo-maratonar.htm>. Acesso em: 1 jun. 2019 (Adaptação).

Texto II



Disponível em: <http://www.willtirando.com.br/ansia-417/>. Acesso em: 1 jun. 2019.

Embora os dois textos tratem do termo “maratonar” a partir de perspectivas distintas, é possível afirmar que o Texto II retoma aspectos apresentados no Texto I porque

- A) esclarece o significado do neologismo “maratonar” como esforço físico exaustivo, derivado de “maratona”.
- B) deprecia a definição de “maratona” como ação contínua de superação de dificuldades e melhoria da saúde.
- C) reflete sobre o impacto que a falta de exercícios físicos e a permanência em casa provocam na saúde.
- D) menospreza o uso do termo “maratonar” relacionado a um estilo de vida sedentário, antagônico à maratona.

Instrução: Leia o texto a seguir e responda às questões **09** e **10**.

O telejornalismo é um dos principais produtos televisivos. Sejam as notícias boas ou ruins, ele precisa garantir uma experiência esteticamente agradável para o espectador. Em suma, ser um “infotainment”, para atrair prestígio, anunciante e rentabilidade. Porém, a atmosfera pesada do início do ano baixou nos telejornais: Brumadinho, jovens atletas mortos no incêndio do CT do Flamengo, notícias diárias de feminicídios, de valentões armados matando em brigas de trânsito e supermercados. Conjunções adversativas e adjuntos adverbiais já não dão mais conta de neutralizar o tsunami de tragédias e violência, e de amenizar as más notícias para garantir o “infotainment”. No jornal, é apresentada matéria sobre uma mulher brutalmente espancada, internada com diversas fraturas no rosto.

Em frente ao hospital, uma repórter fala: “mas a boa notícia é que ela saiu da UTI e não precisará mais de cirurgia reparadora na face...”. Agora, repórteres repetem a expressão “a boa notícia é que...”, buscando alguma brecha de esperança no “outro lado” das más notícias.

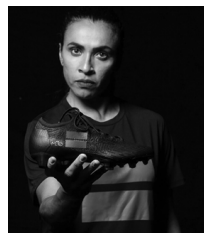
FERREIRA, Wilson R. V. *Globo adota “a boa notícia é que...” para tentar se salvar do baixo astral nacional.*

Disponível em: <https://cinegnose.Blogs.pot.com/2019/02/globo-adopta-boa-noticia-e-que-para.html>. Acesso em: 1 mar. 2019 (Adaptação).

- 09.** Considerando a matéria apresentada no jornal, o uso da conjunção adversativa seguido da expressão “a boa notícia é que” permite ao jornalista
 - A) apontar a gravidade da notícia e compensá-la.
 - B) expor a neutralidade da notícia e reforçá-la.
 - C) minimizar a relevância da notícia e acentuá-la.
 - D) revelar a importância da notícia e enfatizá-la.
- 10.** Para se referir a matérias jornalísticas televisivas que informam e, ao mesmo tempo, entretêm os espectadores, o autor cria um neologismo por meio de
 - A) derivação prefixal.
 - B) composição por justaposição.
 - C) composição por aglutinação.
 - D) derivação imprópria.

11.

Texto I



Go Equal@GoEqual_ 13 de jun #BRAXAUS não é a única rivalidade que as mulheres têm que enfrentar no esporte hoje. Marta está jogando com uma chuteira sem patrocínio e com um símbolo pela equidade no esporte.

Texto II

O que levou Marta, seis vezes a melhor do mundo, a enfrentar a Austrália de chuteiras pretas? Adianta, não foi o futebol “raiz”. Marta não fechou patrocínio com nenhuma das gigantes do mercado esportivo. Não recebeu nenhuma proposta à altura do seu futebol. Isso diz muito sobre o machismo no esporte. A partir disso, a atleta decidiu calçar a luta pela diversidade.

Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/06/chuteira-sem-logo-e-com-simbolo-de-igualdade-de-genero-foimais-um-golaco-de-marta/>. Acesso em: 18 jun. 2019.

Considerando o *tweet* e o texto anterior, é correto afirmar que a atleta

- A) enfrentou o time adversário com chuteiras pretas, mesmo que não tenha sido influenciada pelo futebol "raiz".
- B) usou chuteiras sem logotipo e luta pela igualdade de gênero no esporte, mesmo sendo considerada seis vezes a melhor do mundo.
- C) não recebeu patrocínio de nenhuma grande empresa, embora a chuteira preta sem logotipo simbolize o futebol "raiz".
- D) optou por lutar contra o machismo no esporte, embora as propostas de patrocínio não tenham considerado seu valor.

- 12.** – Pela milionésima vez, por favor, "se amostrar" não existe. Não pega bem usar uma expressão incorreta como essa.
- Ora veja, incorreto para mim é o que não faz sentido, "se amostrar" faz sentido para boa parte do país.
 - Por que você não usa um sinônimo mais simples da palavra? Que tal "exibido"? Todo mundo conhece.
 - Não dá, porque quem se exhibe é exibido, quem se amostra é amostrado. Por exemplo: quando os vendedores de *shopping* olham com desprezo para os meninos dos rolezinhos e moram no mesmo bairro deles, são exibidos. Eles acham que a roupa de vendedor faz deles seres superiores. Por outro lado, as meninas e os meninos dos rolezinhos vão para os *shoppings* para se amostrar uns para outros, e são, portanto, amostrados. Percebeu a sutileza da diferença?
 - Entendo, mas está errado.
 - Como é que está errado se você entende? Você não aceita a inventividade linguística do povo. "Amostrar" é verbo torto no manual das conjugações e "amostrado" é particípio de amostra grátis! Captou?

SILVA, Cidinha da. *Absurdada*.

Disponível em: <http://notarodape.blogspot.com/search/label/Cotidiano>.

Acesso em: 22 maio 2019 (Adaptação).

Considerando que a comparação entre modos de falar pode ser fonte de preconceito, o exemplo citado por uma das personagens da crônica

- A) reforça o preconceito em relação às turmas de jovens de um mesmo bairro, com base nos significados de "amostrado" e "exibido".
- B) explicita o preconceito, valendo-se de "amostrado" e "exibido" para distinguir dois grupos de jovens do mesmo bairro.
- C) dissimula o preconceito e reconhece que "se amostrar" é, de fato, um verbo que não está de acordo com as normas gramaticais.
- D) refuta o preconceito e confirma o desconhecimento da regra de formação do particípio passado do verbo "se amostrar".

13. Texto I

Leia os versos iniciais da peça *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come* (1966), de Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar. Em formato de cordel, os versos são cantados por todos os atores.

Se corres, bicho te pega, amô,
 Se ficas, ele te come.
 Ai, que bicho será esse, amô?
 Que tem braço e pé de homem?
 Com a mão direita ele rouba, amô,
 e com a esquerda ele entrega;
 janeiro te dá trabalho, amô,
 dezembro te desemprega;
 de dia ele grita "avante", amô,
 de noite ele diz: "não vá":
 Será esse bicho um homem, amô,
 ou muitos homens será?

VIANNA FILHO, Oduvaldo; GULLAR, Ferreira. *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 3.

Texto II

Observe a charge de Laerte que fez parte da mostra *Maio na Paulista*, em 2019.



Exposição *Maio na Paulista*, de Laerte e Angeli, 2019.

Disponível em: <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/05/laerte-e-angeli-participam-de-exposicao-ao-arlivre-na-avenida-paulista.html>.

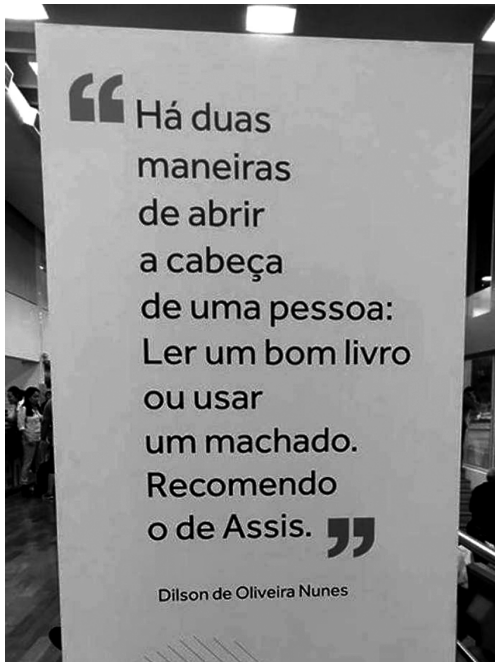
Acesso em: 2 jun. 2019.

Considerando a relação entre os textos I e II, conclui-se que a charge

- A) resgata a temática do cordel, rompendo com o impasse vivido pelos personagens.
- B) reafirma o dilema dos personagens da peça, parafraseando os versos iniciais do cordel.
- C) evidencia a tradição popular nordestina, utilizando a imagem para sofisticar os versos.
- D) confirma a força transformadora da versificação popular, reproduzindo-a em imagens.

UNICAMP-SP-2019

01.



“Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. [...] Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo do bom senso e do senso comum.”

KAFKA, Franz. *Carta a Oscar Pollak*. 1904. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com>. Acesso em: maio 2018 (Adaptação).

Assinale o excerto que confirma os dois textos anteriores.

- A) A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – professores, bibliotecários – desempenham um papel político.

LAJOLO, Marisa. *A formação do leitor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p. 28.

- B) Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização, há aumento sensível do hábito de leitura, e portanto difusão crescente das obras.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 2004. p. 187.

- C) Ler é abrir janelas, construir pontes que ligam o que somos com o que tantos outros imaginaram, pensaram, escreveram; ler é fazer-nos expandidos.

GIL, Gilberto. Discurso no lançamento do Ano Ibero-Americano da Leitura, 2004.

- D) A leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, por que não sonhar os meus próprios sonhos?

PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de autointerpretação*. São Paulo: Ática, 1966. p. 23.

02. Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto. As proparoxítonas são o ápice da cadeia alimentar do léxico.

As palavras mais pernósticas são sempre proparoxítonas. Para pronunciá-las, há que ter ânimo, falar com ímpeto – e, despóticas, ainda exigem acento na sílaba tônica! Sob qualquer ângulo, a proparoxítona tem mais crédito. É inequívoca a diferença entre o arruaceiro e o vândalo. Uma coisa é estar na ponta – outra, no vértice. Ser artesão não é nada, perto de ser artífice.

Legal ser eleito Papa, mas bom mesmo é ser Pontífice.

AFFONSO, Eduardo. *Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto*. Disponível em: www.facebook.com/eduardo22affonso/ (Adaptação).

Segundo o texto, as proparoxítonas são palavras que

- A) garantem sua pronúncia graças à exigência de uma sílaba tônica.
 B) conferem nobreza ao léxico da língua graças à facilidade de sua pronúncia.
 C) revelam mais prestígio em função de seu pouco uso e de sua dupla acentuação.
 D) exibem sempre sua prepotência, além de imporem a obrigatoriedade da acentuação.

03. Na década de 1950, quando iniciava seu governo, Juscelino Kubitschek prometeu “50 anos em 5”. Na campanha do atual governo o slogan ficou assim: “O Brasil voltou, 20 anos em dois”. A ‘tradução’ não tinha como dar certo; era como comparar vinho com água. E mais: havia uma vírgula no meio do caminho. Na propaganda, apenas uma vírgula impede que a leitura, ao invés de ser positiva e associada ao progressismo de Juscelino, se transforme numa mensagem de retrocesso: o Brasil de fato ‘voltou’ muito nesses últimos dois anos; para trás.

SCHWARCZ, Lilia. Havia uma vírgula no meio do caminho. *Nexo Jornal*, maio 2018 (Adaptação).

Considerando o gênero propaganda institucional e o paralelo histórico traçado pela autora, é correto afirmar que o *slogan* do atual governo fracassou porque

- A) o uso da vírgula provocou uma leitura negativa do trecho que alude ao *slogan* da década de 1950.
 B) a mensagem projetada pelo *slogan* anterior era mais clara, direta, e não exigia o uso da vírgula.
 C) a alusão ao *slogan* anterior afasta o público jovem e provoca a perda de seu poder persuasivo.
 D) o duplo sentido do verbo “voltar” gerou uma mensagem que se afasta daquela projetada pelo *slogan* anterior.

04. Alguns pesquisadores falam sobre a necessidade de um “letramento racial”, para “reeducar o indivíduo em uma perspectiva antirracista”, baseado em fundamentos como o reconhecimento de privilégios, do racismo como um problema social atual, não apenas legado histórico, e a capacidade de interpretar as práticas racializadas. Ouvir é sempre a primeira orientação dada por qualquer especialista ou ativista: uma escuta atenta, sincera e empática. Luciana Alves, educadora da Unifesp, afirma que “Uma das principais coisas é atenção à linguagem. A gente tem uma linguagem sexista, racista, homofóbica, que passa pelas piadas e pelo uso de termos que a gente já naturalizou. ‘A coisa tá preta’, ‘denegrir’, ‘serviço de preto’... Só o fato de você prestar atenção na linguagem já anuncia uma postura de reconstrução. Se o outro diz que tem uma carga negativa e ofensiva, acredite”.

GENTE BRANCA: o que os brancos de um país racista podem fazer pela igualdade além de não serem racistas. UOL, maio 2018.

Segundo Luciana Alves, para combater o racismo e mudar de postura em relação a ele, é fundamental

- A) ouvir com atenção os discursos e orientações de especialistas e ativistas.
- B) reconhecer expressões racistas existentes em práticas naturalizadas.
- C) passar por um “letramento racial” que dispense o legado histórico.
- D) prestar atenção às práticas históricas e às orientações da educadora.

05. Leia o texto a seguir, publicado no Instagram e em um livro do @akapoeta João Doederlein.

estrela (s.f.)

é quem, feito catapora, se multiplicou no céu, diria Carpinejar. são as manchas que o universo não tem vergonha de mostrar. são as pintas nas suas costas e as sardas no seu rosto. são as memórias de quem já partiu. é onde escreve o destino.

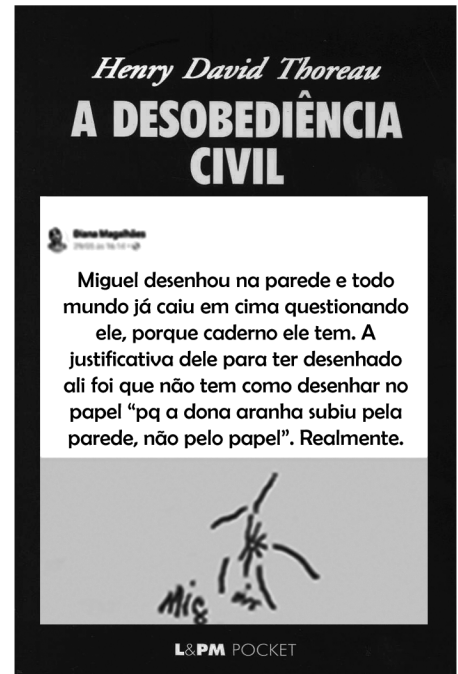
é o brilho particular que algumas pessoas carregam no olhar.

DOEDERLEIN, João. *O livro dos resignificados*. São Paulo: Paralela, 2017. p. 17.

A resignificação de estrela ocorre porque o verbete apresenta

- A) diversas acepções dessa palavra de modo amplo, literal e descritivo.
- B) cinco definições da palavra relativas à realidade e uma definição figurada.
- C) vários contextos de uso que evidenciam o caráter expositivo do gênero verbete.
- D) uma entrada formal de dicionário e acepções que expressam visões particulares.

06. Uma página do Facebook faz humor com montagens que combinam capas de livros já publicados e memes que circulam nas redes sociais. Uma dessas postagens envolve a obra de Henry Thoreau, para quem a desobediência civil é uma forma de protesto legítima contra leis ou atos governamentais considerados injustos pelo cidadão e que ponham em risco a democracia.



Página de Facebook Obras Literárias com capas de memes genuinamente brasileiros.

O efeito de humor aqui se deve ao fato de que a montagem

- A) refuta as razões para a desobediência civil com base na desculpa apresentada pela criança.
- B) antecipa uma possível avaliação negativa da desobediência sustentada pelo livro.
- C) equipara as razões da desobediência civil à justificativa apresentada pela criança.
- D) contesta a legitimidade da desobediência civil defendida por Thoreau.

07. Para driblar a censura imposta pela ditadura militar, compositores de música popular brasileira (MPB) valiam-se do que Gilberto Vasconcelos chamou de “linguagem da fresta”, expressão inspirada na canção “Festa imodesta”, de Caetano Veloso.

[...]

Numa festa imodesta como esta

Vamos homenagear

Todo aquele que nos empresta sua testa

Construindo coisas pra se cantar
 Tudo aquilo que o malandro pronuncia
 E que o otário silencia
 Toda festa que se dá ou não se dá
 Passa pela fresta da cesta e resta a vida.
 Acima do coração que sofre com razão
 A razão que volta do coração
 E acima da razão a rima
 E acima da rima a nota da canção
 Bemol natural sustentada no ar
 Viva aquele que se presta a esta ocupação
 Salve o compositor popular

VASCONCELOS, Gilberto. *Música popular:*
 de olho na fresta. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

É correto afirmar que, na canção, essa “linguagem da fresta” transparece

- A) na contradição entre “festa” e “fresta”, que funciona como crítica ao malandro.
- B) na repetição de palavras com pronúncia semelhante para louvar a MPB.
- C) na referência à “fresta” como forma de o compositor se pronunciar.
- D) na incoerência da rima entre “festa” e “imodesta” para prestigiar o compositor.

- 08.** Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão.

LISPECTOR, Clarice. *Amor. In: Laços de família.*
 20. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 39.

Ao caracterizar a personagem Ana, a expressão “piedade de leão” reúne valores opostos, remetendo simultaneamente à compaixão e à ferocidade. É correto afirmar que, no conto “Amor”, essa formulação

- A) revela um embate de natureza social, já que a pobreza do cego causa náuseas na personagem.
- B) expressa o dilema cristão da alma pecadora diante de sua incapacidade de fazer o bem.
- C) indica um conflito psicológico, uma vez que a personagem não se sente capaz de amar.
- D) alude a um contraste moral e existencial que provoca na personagem um sentimento de angústia.

- 09.** ...Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reincidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo.*
 São Paulo: Ática, 2014. p. 43.

O trecho anterior faz parte das considerações políticas que aparecem repetidamente em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Considerando o conjunto dessas observações, indique a alternativa que resume de modo adequado a posição da autora sobre a lógica política das eleições.

- A) Por meio das eleições, políticos de determinados partidos acabam se perpetuando no exercício do poder.
- B) Os políticos se aproximam do povo e, depois das eleições, se esquecem dos compromissos assumidos.
- C) Os políticos preteridos são aqueles que acabam vencendo as eleições, por força de sua persistência.
- D) Graças ao desinteresse do povo, os políticos se apropriam do Estado, contrariando a própria democracia.

10. [...]

Eu tenho uma ideia.

Eu não tenho a menor ideia.

Uma frase em cada linha. Um golpe de exercício.

Memórias de Copacabana. Santa Clara às três da tarde.

Autobiografia. Não, biografia.

Mulher.

Papai Noel e os marcianos.

Billy the Kid versus Drácula.

Drácula versus Billy the Kid.

Muito sentimental.

Agora pouco sentimental.

Pensa no seu amor de hoje que sempre dura menos que o seu amor de ontem.

Gertrude: estas são ideias bem comuns.

Apresenta a *jazz-band*.

Não, toca *blues* com ela.

Esta é a minha vida.

Atravessa a ponte.

[...]

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés.*

São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 9.

Esse trecho do poema de abertura de *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar,

- A) expressa nostalgia do passado, visto que mobiliza referências à cultura *pop* dos anos 1970.
- B) requisita a participação do leitor, já que as referências biográficas são fragmentárias.
- C) exclui a dimensão biográfica, pois se refere a personagens imaginários e de ficção.
- D) tematiza a descrença na poesia, uma vez que a poeta se contradiz continuamente.

11. DOROTEA

O senhor perdeu a cabeça?

DULCINEA

Fazer de um cangaceiro um delegado!

DOROTEA

Quando a oposição souber!

DULCINEA

Que prato pra Neco Pedreira!

ODORICO

E tomara que Neco se sirva bem dele. Tomara que chame Zeca Diabo de cangaceiro, assassino, quanto mais xingar, melhor.

DOROTEA

O senhor não acha que se excedeu?

ODORICO

Em política, dona Dorotea, os finalmentes justificam os não obstantes.

GOMES, Dias. *O bem-amado*.

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 69-70.

As personagens femininas do excerto anterior discordam da nomeação de Zeca Diabo feita por Odorico. Assinale a alternativa que indica a razão dessa discordância e a natureza da crítica às práticas políticas brasileiras presente na peça teatral de Dias Gomes.

- A) As práticas políticas são desconhecidas pelas personagens. A ingenuidade do cidadão e a astúcia necessária dos políticos são criticadas na fala delas e de Odorico.
- B) Dulcinea e Dorotea não simpatizam com Zeca Diabo, o que indica que a peça faz uma crítica às relações sociais presididas por afetos e interesses privados.
- C) Dulcinea e Dorotea não admitem que alguém fora da lei possa cuidar da ordem da cidade.
- D) Criticam-se os atos de um poder executivo que se orienta por um projeto pessoal de poder.

12. Sobre as representações históricas da morte no Ocidente, Philippe Ariès e Alcir Pécora comentam:

O moribundo está deitado, cercado por seus amigos e familiares. Está prestes a executar os ritos que bem conhecemos. [...] Seres sobrenaturais invadiram o quarto e se comprimem na cabeceira do "jacente". A grande reunião que nos séculos XII e XIII tinha lugar no final dos tempos se faz, então, a partir do século XV, no quarto do enfermo.

ARIÉS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2012. p. 53.

[...] essa espécie de arte de morrer de Vieira se opõe à tradição das artes moriendi fundadas na preparação para a "última prova" que acontece apenas no quarto do moribundo. Não é mais lá que se decide a salvação ou a condenação do cristão, mas no exato momento de suas escolhas e ações ao longo da vida, vale dizer, na resolução adequada a ser tomada hic et nunc (aqui e agora).

PÉCORA, Alcir. A arte de morrer, segundo Vieira.

In: VIEIRA, Antonio. *Sermões de quarta-feira de cinza*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 51.

Com base nos excertos anteriores e na leitura dos três *Sermões de Quarta-feira de Cinza*, assinale a alternativa correta.

- A) Em Ariès, a salvação ou danação ocorre no quarto do moribundo, mas nos sermões de Vieira é a atenção ao momento presente e a decisão correta que importam para o cristão.
- B) A afirmação de Alcir Pécora é válida somente para o primeiro sermão, pois os dois últimos sermões retomam o tema do fim dos tempos e da agonia do moribundo para a fé cristã.
- C) Segundo Ariès, o drama da salvação se dá na imagem do quarto do moribundo. Essa imagem é decisiva para a compreensão do terceiro sermão.
- D) Para Alcir Pécora, o que distingue os sermões de Vieira dos discursos sobre a morte nesse período é a ênfase do padre jesuíta na ação futura.

13. Picado pelo ciúme, abriu o ourives seu peito à órfã, ofereceu-lhe a mão, e uma pulseira de brilhantes nela, com a condição de me esquecer.

Leontina disse que sim, cuidando que mentia; mas passados oito dias admirou-se de ter dito a verdade. Nunca mais soube de mim, nem eu dela; até que, um ano depois, a criada, que a servia, me contou que a menina casara com o padrinho e que as enteadas, coagidas pelo pai, se tinham ido para o recolhimento do Grilo com uma pequena mesada e a esperança de ficarem pobres. Não sei mais nada a respeito da primeira das sete mulheres que amei, em Lisboa.

BRANCO, Camilo Castelo. *Coração, cabeça e estômago*. p. 4. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: maio 2018.

O excerto anterior apresenta uma síntese acerca do primeiro dos setes amores da personagem Silvestre da Silva. Considere essa experiência amorosa no contexto da primeira parte da narrativa e assinale a alternativa correta.

- A) A mulher é idealizada em cada caso relatado, não havendo espaço para uma ótica realista.
- B) A experiência amorosa recebe tratamento solene e sublime por parte das personagens.
- C) A personagem masculina se caracteriza pelo interesse sexual; a feminina, pela devoção ao marido.
- D) O protagonista da narrativa se frustra em sua crença amorosa a cada vez que se apaixona.

14. “A noção de programa genético [...] desempenhou um papel importante no lançamento do Projeto Genoma Humano, fazendo com que se acreditasse que a decifração de um genoma, à maneira de um livro com instruções de um longo programa, permitiria decifrar ou compreender toda a natureza humana ou, no mínimo, o essencial dos mecanismos de ocorrência das doenças. Em suma, a fisiopatologia poderia ser reduzida à genética, já que toda doença seria reduzida a um ou diversos erros de programação, isto é, à alteração de um ou diversos genes”.

MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2012. p. 157.

A expressão “programa genético”, mencionada no trecho anterior, é

- A) uma alegoria, pois sintetiza os mecanismos moleculares subjacentes ao funcionamento dos genes e dos cromossomos no contexto ficcional de um programa de computador.
- B) uma analogia, pois diferencia os mecanismos moleculares subjacentes ao código genético e ao funcionamento dos cromossomos dos códigos de um programa de computador.
- C) uma metáfora, pois iguala toda a informação genética e os mecanismos moleculares subjacentes ao funcionamento e expressão dos genes com as instruções e os comandos de um programa.
- D) uma analogia, pois contrasta os mecanismos moleculares dos genes nos cromossomos e das doenças causadas por eles com as linhas de comando de um programa de computador.

15. Na opinião de Klaus R. Mecke, professor no Instituto de Física Teórica da Universidade de Stuttgart, Alemanha, o uso da linguagem da física na literatura obedeceria ao seguinte propósito:

Uma função literária central da fórmula seria simbolizar a violência. A fórmula torna-se metáfora para a violência, para o calculismo desumano, para a morte e para a fria mecânica – para o golpe de força. Recorde-se também O Pêndulo de Foucault, de Umberto Eco, em que a fórmula do pêndulo caracteriza o estrangulamento de um ser humano. Passo a citar: “O período de oscilação, T , é independente da massa do corpo suspenso (igualdade de todos os homens perante Deus)[...]”. Também aqui a fórmula constitui uma referência irônica à marginalização do sujeito, reduzido à “massa inerte” suspensa.

MECKE, Klaus R. A imagem da Física na Literatura. *Gazeta de Física*, p. 6-7. 2004 (Adaptação).

Segundo Mecke, a função literária de algumas noções da Física, presentes em determinados romances, expressa

- A) a falta de liberdade do sujeito nas relações sociais, mas o uso da independência do período do pêndulo simples com a massa do corpo suspenso, feito por Umberto Eco, está incorreto.
- B) a revogação parcial das leis da natureza, e o uso da independência do período do pêndulo simples com a massa do corpo suspenso, feito por Umberto Eco, está correto.
- C) a concordância quanto ao modo como representamos a natureza, mas o uso da independência do período do pêndulo simples com a massa do corpo suspenso, feito por Umberto Eco, está incorreto.
- D) a privação da liberdade do ser humano, e o uso da independência do período do pêndulo simples com a massa do corpo suspenso, feito por Umberto Eco, está correto.

16. Em 1961, o poeta Antônio Gedeão publica o livro *Máquina de Fogo*. Um dos poemas é “Lágrima de Preta”. Musicado por José Niza, foi gravado por Adriano Correia de Oliveira, em 1970, e incluído no seu álbum *Cantaremos*. A canção foi censurada pelo governo português.

Lágrima de preta

Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.
Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes

deu-me o que é costume:

Nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

GEDEÃO, António. *Máquina de fogo*.
Coimbra: Tipografia da Atlântida, 1961. p. 187.

Os versos anteriores articulam as linguagens literária e científica com questões de ordem ética e política. Considerando o contexto de produção e recepção de "Lágrima de Preta" (anos 1960 e 1970, em Portugal), o propósito artístico desse poema é

- A) inadequado quanto à análise social, ao refutar que haja racismo e preconceito na sociedade, e incorreto no aspecto científico, ao descrever as propriedades químicas de uma lágrima.
- B) inadequado quanto à análise social, ao refutar a existência de racismo e preconceito na sociedade, mas correto no aspecto científico, ao descrever as propriedades químicas de uma lágrima.
- C) pertinente quanto à análise social, ao registrar o racismo e o preconceito na sociedade, e correto no aspecto científico, ao descrever as propriedades químicas de uma lágrima.
- D) pertinente quanto à análise social, ao registrar o preconceito e o racismo na sociedade, mas incorreto no aspecto científico, ao descrever as propriedades químicas de uma lágrima.

UNICAMP-SP-2018

- 01.** Estrangeirismos são palavras e expressões de outras línguas usadas correntemente em nosso cotidiano. Sobre o emprego de palavras estrangeiras no português, o linguista Sírio Possenti comenta:

Tomamos alguns verbos do inglês e os adaptamos a nosso sistema verbal exclusivamente segundo regras do português. Se adotarmos *start*, logo teremos estartar (e todas as suas flexões), pois nossa língua não tem sílabas iniciais como *st-*, que imediatamente se tornam *est-*. A forma nunca será *startar*, nem *ostartar* ou *ustartar*, nem *estarter* ou *estartir*, nem *printer* ou *printir*, nem *atacher* ou *atachir* etc., etc., etc.

POSSENTI, Sírio. A questão dos estrangeirismos.
In: FARACO, Carlos Alberto. Estrangeirismos: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. p. 173-174 (Adaptação).

As alternativas a seguir reproduzem trechos de um fórum de discussão na Internet sobre um jogo eletrônico. Nessa discussão, um jogador queixa-se por não ter conseguido se conectar a uma partida e ter perdido pontos.

Escolha a alternativa que contém um exemplo do processo de adaptação de verbos do inglês para o sistema verbal do português, como descreve Sírio Possenti.

- A) "Aconteceu logo na manhã deste domingo, quando iniciei uma *ranked*."
- B) "Ela não deu *load* e pensei que era um *bug* no *site*."
- C) "Entre no *lolking* para ver se a partida estava sendo computada."
- D) "Nem *upei* meu personagem de tanto problema no *server*."

Disponível em: <http://forums.br.leagueoflegends.com/board/showthread.php?t=187120>.
Acesso em: 15 jul. 2017 (Adaptação).

Glossário:

Bug: falha devido ao mau funcionamento em um programa de informática.

Computar: contar, incluir.

Dar load: carregar.

Lolking: site da Internet sobre o jogo.

Ranked: partida que dá pontos ao jogador.

Server: servidor; em informática, é um programa ou um computador que fornece serviços a uma rede de computadores.

Upar: subir de nível, recarregar.

- 02.** Leia, a seguir, um excerto de "Terrorismo Literário", um manifesto do escritor Ferréz.

A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós. A literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria.

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom, isso fica para os estudiosos.

Cansei de ouvir: – "Mas o que cês tão fazendo é separar a literatura, a do gueto e a do centro". E nunca cansarei de responder: – "O barato já tá separado há muito tempo, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do de cá mal terminamos o ensino dito básico."

FERRÉZ. Terrorismo literário. *In: FERRÉZ (org.). Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p. 9, 12, 13 (Adaptação).

Ferréz defende sua proposta literária como uma

- A) descoberta de que é preciso reagir com a palavra para que não haja separação entre a grande cultura nacional e a literatura feita por minorias.
- B) comprovação de que, sendo as minorias de fato uma maioria, não faz sentido distinguir duas literaturas, uma do centro e outra da periferia.
- C) manifestação de que a literatura marginal tem seu modo próprio de falar e de contar histórias, já reconhecido pelos estudiosos.
- D) constatação de que é preciso reagir com a palavra e mostrar-se nesse lugar marginal como literatura feita por minorias que juntas formam uma maioria.

03.



Disponível em: <http://www.psych.com.br/taxonomy/term/4>. Acesso em: 2 jun. 2017.

No contexto desse grafite, as frases “menos presos políticos” e “mais políticos presos” expressam

- A) uma relação de contradição, uma vez que indicam sentidos opostos.
- B) uma relação de consequência, já que a diminuição de um grupo conduz ao aumento de outro.
- C) uma relação de contraste, pois reivindicam o aumento de um tipo de presos e a redução de outro.
- D) uma relação de complementaridade, porque remetem a subconjuntos de uma mesma categoria.

04. Numa entrevista ao jornal *El País* em 26 de agosto de 2016, o jornalista Caco Barcellos comenta uma afirmação sua anterior, feita em um congresso de jornalistas investigativos, de que novos profissionais não deveriam “atuar como porta-vozes de autoridades”.

“Tenho o maior encanto e admiração e respeito pelo jornalismo de opinião. O que critiquei lá é quando isso vai para a reportagem. Não acho legítimo. O repórter tem o dever de ser preciso. Pode ser até analítico, mas não emitir juízo. Na reportagem de rua, fico imbuído, inclusive, de melhor informar o meu colega de opinião.

Se eu não fizer isso de modo preciso e correto, ele vai emitir um juízo errado sobre aquele universo que estou retratando. E não só ele, mas também o advogado, o sociólogo, o antropólogo e mais para frente o historiador [...] Por exemplo, essa matança que a polícia militar provoca no cotidiano das grandes cidades brasileiras – isso é muito mal reportado pela mídia no seu conjunto. Quem sabe, lá no futuro, o historiador não passe em branco por esse momento da história. Não vai poder dizer ‘olha, os negros pobres do estado mais rico da federação estão sendo eliminados com a frequência de três por dia, um a cada oito horas’. Se o repórter não fizer esse registro preciso e contundente, a cadeia toda pode falhar, a começar pelo jornalista de opinião.”

BARCELOS, Caco. Erros históricos nascem da imprecisão jornalística. *El País*, 26 ago. 2016. Entrevista concedida a Camila Moraes. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/19/cultura/1468956578_924541.html. Acesso em: 13 jul. 2017.

De acordo com a posição defendida por Caco Barcellos com relação a seus leitores, uma reportagem exige do jornalista

- A) conhecimento preciso do assunto, uma vez que seu objetivo é convencer o leitor a concordar com o que escreve para evitar que ele cometa erros.
- B) investigação e precisão no tratamento do assunto, porque ela vai servir de base a outros artigos, permitindo que o leitor tire suas próprias conclusões.
- C) investigação e precisão na abordagem dos fatos, já que ele também emite seu juízo sobre o assunto, conduzindo o leitor a aceitar a história que narra.
- D) conhecimento preciso dos fatos tratados, para que, no futuro, o leitor seja levado a crer que o repórter registrou sua opinião de forma equilibrada.

05.



FONSECA, Bruno. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/museumazzaropi/>. Acesso em: ago. 2017.

Considerando os sentidos produzidos pela tirinha, é correto afirmar que o autor explora o fato de que palavras como “ontem”, “hoje” e “amanhã”

- A) mudam de sentido dependendo de quem fala.
- B) adquirem sentido no contexto em que são enunciadas.
- C) deslocam-se de um sentido concreto para um abstrato.
- D) evidenciam o sentido fixo dos advérbios de tempo.

06.



Caneta Desmanipuladora. Facebook. out. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/>. Acesso em: 15 jul. 2017.

Em relação ao *post* adaptado da página do Facebook “Caneta Desmanipuladora”, é correto afirmar que a “desmanipulação” (substituição de “já” por “só” e acréscimo de “até agora”) explicita a tentativa do jornal de levar o leitor a pensar que

- A) ainda falta muito a ser pago pela mineradora e há atrasos no pagamento.
- B) a Samarco teria pago uma grande parte do que devia e o prazo provavelmente está sendo cumprido.
- C) a Samarco já quitou o que devia, conforme valor homologado na justiça.
- D) a mineradora não deveria arcar sozinha com a despesa da tragédia de Mariana.

07. Em maio deste ano, uma festa do 3º ano do Ensino Médio de uma escola do Rio Grande do Sul propôs aos alunos que se preparavam para o vestibular uma atividade chamada “Se nada der certo”. O objetivo era “trabalhar o cenário de não aprovação no vestibular”, e como “lidar melhor com essa fase”.

Os alunos compareceram à festa “fantasiados” de faxineiros, garis, domésticas, agricultores, entre outras profissões consideradas de pessoas “fracassadas”. O evento teve repercussão nacional e acirrou o debate sobre a meritocracia. Para Luis Felipe Miguel, professor de ciência política, “o tom de chacota da festa-recreio era óbvio”, e teria sido mais interessante “discutir como se constrói a hierarquia que define algumas ocupações como subalternas e outras como superiores; discutir como alguns podem desprezar os saberes incorporados nas práticas dessas profissões (subalternas apenas porque contam com quem as faça por eles); discutir como o que realmente ‘deu certo’ para eles foi a loteria do nascimento, que, na nossa sociedade, determina a parte do leão das trajetórias individuais”.

VALENTE, Fernanda. Dia do “se nada der certo” acende debate sobre meritocracia e privilégio. *Carta Capital*. 6 jun. 2017. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/06/dia-do-se-nada-der-certoacende-debate-sobre-meritocracia-e-privilegio/>. Acesso em: jun. 2017.

As alternativas a seguir reproduzem trechos de uma entrevista do professor Sidney Chalhoub (Unicamp e Harvard) sobre o mito da meritocracia.

ALVES FILHO, Manuel. A meritocracia é um mito que alimenta as desigualdades, diz Sidney Chalhoub. *Jornal da Unicamp*, 7 jun. 2017.

Assinale aquela que dialoga diretamente com a notícia anterior.

- A) É preciso promover a inclusão “e fazer com que o conhecimento que essas pessoas trarão à Universidade seja reconhecido e disseminado”.
- B) Com a adesão da Unicamp ao sistema de cotas, um “novo contingente de alunos colocará em cheque vários hábitos da universidade”.
- C) “As melhores universidades do mundo (que servem de referência) adotam a diversidade no ingresso dos estudantes há bastante tempo”.
- D) “O ideal seria que todos aqueles que tivessem condições intelectuais e interesse em entrar na universidade obtivessem uma vaga”.

08. O título do romance *Caminhos cruzados*, de Érico Veríssimo,

- A) alude às dificuldades vividas pelas personagens mais representativas da elite urbana, além de sugerir que nenhum homem é uma ilha.
- B) sugere que a vida social das personagens é constituída pelo conjunto de relações econômicas e psicológicas dos indivíduos.
- C) remete à técnica narrativa do romance, no qual várias histórias são relacionadas, sem o estabelecimento de um protagonista principal.
- D) simboliza as relações de poder da classe burguesa emergente e o seu desejo de controlar a conduta ética da sociedade.

09.

Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.

ROSA, Guimarães. A hora e a vez de Augusto Matraga. Epígrafe. In: *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 287. (Provérbio Capiáu).

Elementos textuais que antecedem a narrativa, como o provérbio citado, funcionam, em alguns autores, como pista para se entender o sentido das ações ficcionais. No excerto anterior, as ideias de beleza e necessidade são contrapostas com vistas à produção de um sentido de ordem moral. Considerando-se a jornada heroica de Augusto Matraga, é correto afirmar que a narrativa

- A) contradiz o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista não é fiel ao seu propósito de mudar os hábitos antigos.
- B) confirma o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista realiza uma série de ações para corrigir seu caráter e reordenar eticamente sua vida.
- C) ratifica o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista é seduzido pelos encantos da natureza e pelos prazeres da bebida e do fumo.
- D) refuta o sentido moral do provérbio, uma vez que o protagonista não consegue agir sem as motivações da beleza física e do afeto femininos.

10. A fim de dar exemplos de sua teoria da “alma exterior”, o narrador-personagem do conto “O espelho”, de Machado de Assis, refere-se a uma senhora conhecida sua “que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano”. E, questionado sobre a identidade dessa mulher, afirma: “Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...” Considerando o contexto dessa frase no conto, pode-se dizer que ela constitui

- A) uma crítica à noção de alma exterior como resultante da influência do mal.
- B) uma consideração cômica que ressalta o nome inusitado da senhora.
- C) uma condenação do comportamento moral da senhora em questão.
- D) uma ironia com a inconstância dos valores sociais associados à alma exterior.

11. Leia a seguir duas passagens do poema “Olá! Negro”, de Jorge de Lima:

A raça que te enforca, enforca-se de tédio, negro!

E és tu que a alegras ainda com os teus jazzes.

Com os teus *songs*, com os teus lundus!

[...]

Não basta iluminares hoje as noites dos brancos com teus jazzes.

Olá, Negro! O dia está nascendo!

O dia está nascendo ou será a tua gargalhada que vem vindo?

LIMA, Jorge de. *Poesias completas*. v. I. Rio de Janeiro / Brasília: J. Aguilar / INL, 1974. p. 180-181.

Considerando o livro *Poemas negros* como um todo e a poética de Jorge de Lima, é correto afirmar que o último verso citado

- A) manifesta o desprezo do negro pela situação decadente da cultura do branco.
- B) realiza a aproximação entre a alegria do negro e uma ideia de futuro.
- C) remete à vingança do negro contra a violência a que foi submetido pelo branco.
- D) funciona como um lamento, já que o nascer do dia não traz justiça social.

12.

Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois com ele tal alma está liada.

Mas esta linda e pura semideia,
Que, como o acidente em seu sujeito,
Assim como a alma minha se conforma,

Está no pensamento como ideia;
E o vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

CAMÕES, Luís de. *Lírica: redondilhas e sonetos*. Rio de Janeiro: Ediouro / São Paulo: Publifolha, 1997. p. 85.

Um dos aspectos mais importantes da lírica de Camões é a retomada renascentista de ideias do filósofo grego Platão. Considerando o soneto citado, pode-se dizer que o chamado “neoplatonismo” camoniano

- A) é afirmado nos dois primeiros quartetos, uma vez que a união entre amador e pessoa amada resulta em uma alma única e perfeita.
- B) é confirmado nos dois últimos tercetos, uma vez que a beleza e a pureza reúnem-se finalmente na matéria simples que deseja.
- C) é negado nos dois primeiros quartetos, uma vez que a consequência da união entre amador e coisa amada é a ausência de desejo.
- D) é contrariado nos dois últimos tercetos, uma vez que a pureza e a beleza mantêm-se em harmonia na sua condição de ideia.

13. Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa [...].

À noite e aos domingos ainda mais recrudescia o seu azedume, quando ele, recolhendo-se fatigado do serviço, deixava-se ficar estendido numa preguiçosa, junto à mesa da sala de jantar e ouvia, a contragosto, o grosseiro rumor que vinha da estalagem numa exalação forte de animais cansados. Não podia chegar à janela sem receber no rosto aquele bafo, quente e sensual, que o embebedava com o seu fartum de bestas no coito.

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1983. p. 22.

Levando em conta o excerto, bem como o texto integral do romance, é correto afirmar que

- A) o grosseiro rumor, a sexualidade desregrada e a exalação forte que provinham do cortiço decorriam, segundo Miranda, do abandono daquela população pelo governo.
- B) os termos “grosseiro rumor”, “animais”, “bestas no coito”, que fazem referência aos moradores do cortiço, funcionam como metáforas da vida pulsante dos seus habitantes.
- C) o nivelamento sociológico na obra *O Cortiço* se dá não somente entre os moradores da habitação coletiva e o seu senhorio, mas também entre eles e o vizinho Miranda.
- D) a presença portuguesa, exemplificada nas personagens João Romão e Miranda, não é relevante para o desenvolvimento da narrativa nem para a compreensão do sentido da obra.

14. O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores “praticamente intraduzíveis”. Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- I. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- II. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções a seguir foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (I) e (II) estão presentes:

- A) Quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*) e tattarrattat (JJ, *Ulisses*).
- B) Transtrazer (GR, *Grande sertão: veredas*) e monoideal (JJ, *Ulisses*).
- C) Rttststr (JJ, *Ulisses*) e quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*).
- D) Tattarrattat (JJ, *Ulisses*) e esquecer-se (GR, *Ave, Palavra*).

15. O poema a seguir é de autoria do poeta Augusto de Campos, integrante do movimento concretista.

OSVDV
1963

SOCBA	SOACA	SCAOA	OCABA
OSCAA	OSACA	CSAOA	COABA
SCOAA	SAOCA	SACOA	OACSA
CSOAA	ASOCA	ASCOA	AOCSA
OCSAA	OASCA	CASOA	CAOSA
COSAA	AOSCA	ACSOA	ACOSA

SOAAC	SAAOC	SCAAO
OSAAC	ASAOC	CSAAO
SAOAC	AASOC	SACAO
ASOAC	OAAOC	ASCAO
OASAC	AOASC	CASAO
AOSAC	AAOSC	ACSAO

SAACO	OCAAS
ASACO	COAAS
AASCO	OACAS
CAASO	AOCAS
ACASO	CAOAS
AACSO	ACOAS

OAACS
AOACS
AAOCS
CAAOS
ACAOS
AACOS

CAMPOS, Augusto de. *Viva Vaia*: Poesia: 1949-1979. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 116-117.

Nesse poema, nota-se uma técnica de composição que consiste

- A) na disposição arbitrária de anagramas, sem produzir uma relação de sentido com o título do poema.
- B) na disposição exaustiva de anagramas, sem produzir uma relação de sentido com o título do poema.
- C) na disposição arbitrária de anagramas, para produzir uma relação de sentido com o título do poema.
- D) na disposição exaustiva de anagramas, para produzir uma relação de sentido com o título do poema.

16. ODORICO

Eu sei. É um movimento subversivo procurando me intrigar com a opinião pública e criar problemas à minha administração. Sei, sim. É uma conspiração. Eles não queriam o cemitério. Desde o princípio foram contra. E agora que o cemitério está pronto caem de pau em cima de mim, me chamam de demagogo, de tudo...”

[...]

ODORICO

Pois eu quero que depois o senhor solete esta gazeta de ponta a ponta. Neco Pedreira o senhor conhece?

ZECA

Conheço não sinhô.

ODORICO

É o dono do jornal. Elemento perigoso. Sua primeira missão como delegado é dar uma batida na redação dessa gazeta subversiva e sacudir a marreta em nome da lei e da democracia...

GOMES, Dias. *O bem amado*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 40 e 68.

A peça de Dias Gomes é uma crítica a um momento histórico e político da sociedade brasileira. Odorico Paraguassu tornou-se um personagem emblemático desse período porque por meio dele

- A) simbolizou-se a defesa da democracia a qualquer custo. Essa defesa resultou em uma sociedade cindida entre o respeito à lei e o seu uso particular, temas políticos comuns aos países latino-americanos nos anos de 1970.
- B) representaram-se o atropelo da lei constitucional, a relativização da liberdade de imprensa e a construção de um inimigo interno que justificasse o arbítrio das decisões do executivo, próprios aos Anos de Chumbo.
- C) explicitaram-se as leis que regiam a vida política e social de uma nação subdesenvolvida da América Latina na década de 1970, marcada pela inércia e pela cumplicidade dos cidadãos com a corrupção sistêmica do país.
- D) fez-se a defesa da democracia e do respeito irrestrito à lei constitucional para um projeto de nação brasileira da década 1970, que enfrentava o espírito demagógico dos políticos latino-americanos.

O efeito de humor da tirinha está centrado na ambiguidade do termo

- A) "inspire".
- B) "cheguei".
- C) "bolso".
- D) "acreditei".
- E) "sonho".

Instrução: Para responder às questões de **02** a **07**, leia o trecho do conto "A menina, as aves e o sangue", do escritor moçambicano Mia Couto (1955-).

Aconteceu, certa vez, uma menina a quem o coração batia só de quando em enquanto. A mãe sabia que o sangue estava parado pelo roxo dos lábios, palidez nas unhas. Se o coração estancava por demasia de tempo a menina começava a esfriar e se cansava muito. A mãe, então, se afligia: roía o dedo e deixava a unha intacta. Até que o peito da filha voltava a dar sinal:

– Mãe, venha ouvir: está a bater!

A mãe acorria, debruçando a orelha sobre o peito estreito que soletrava pulsação. E pareciam, as duas, presenciando pingo de água em pleno deserto. Depois, o sangue dela voltava a calar, resina empurrando a arrastosa vida.

Até que, certa noite, a mulher ganhou para o susto. Foi quando ela escutou os pássaros. Sentou na cama: não eram só piases, chilreinações. Eram rumores de asas, brancos drapejos de plumas. A mãe se ergueu, pé descalço pelo corredor. Foi ao quarto da menina e joelhou-se junto ao leito. Sentiu a transpiração, reconheceu o seu próprio cheiro. Quando lhe ia tocar na fronte a menina despertou:

– Mãe, que bom, me acordou! Eu estava sonhar pássaros.

A mãe sortiu-se de medo, aconchegou o lençol como se protegesse a filha de uma maldição. Ao tocar no lençol uma pena se desprende e subiu, levinha, volteando pelo ar. A menina suspirou e a pluma, algodão em asa, de novo se ergueu, rodopiando por alturas do tecto. A mãe tentou apanhar a errante plumagem. Em vão, a pena saiu voando pela janela. A senhora ficou espreitando a noite, na ilusão de escutar a voz de um pássaro. Depois, retirou-se, adentrando-se na solidão do seu quarto. Dos pássaros selou-se o segredo, só entre as duas.[...]

Com o tempo, porém, cada vez menos o coração se fazia frequente. Quase deixou de dar sinais à vida. Até que essa imobilidade se prolongou por consecutivas demoras. A menina falecera? Não se vislumbravam sinais dessa derradeira demora. Pois ela seguia praticando vivências, brincando, sempre cansadinha, resfriorenta. Uma só diferença se contava. Já à noite a mãe não escutava os piases.

– Agora não sonha, filha?

– Ai mãe, está tão escuro no meu sonho!

Só então a mãe arrepiou decisão e foi à cidade:

– Doutor, lhe respeito a permissão: queria saber a saúde de minha única. É seu peito... nunca mais deu sinal.

UNESP-2023

01. Examine a tirinha do cartunista Silva João, publicada em sua conta do Instagram em 26.09.2019.



O médico corrigiu os óculos como se entendesse rectificar a própria visão. Clareou a voz, para melhor se autorizar. E disse:

- *Senhora, vou dizer: a sua menina já morreu.*
- *Morta, a minha menina? Mas, assim...?*
- *Esta é a sua maneira de estar morta.*

A senhora escutou, mãos juntas, na educação do colo. Anuindo com o queixo, ia esbugalhando o médico. Todo seu corpo dizia sim, mas ela, dentro do seu centro, duvidava. Pode-se morrer assim com tanta leveza, que nem se nota a retirada da vida? E o médico, lhe amparando, já na porta:

- *Não se entristonhe, a morte é o fim sem finalidade.*

A mãe regressou à casa e encontrou a filha entoando danças, cantarolando canções que nem existem. Se chegou a ela, tocou-lhe como se a miúda inexistisse. A sua pele não desprendia calor.

- *Então, minha querida não escutou nada?*

Ela negou. A mãe percorreu o quarto, vasculhou recantos. Buscava uma pena, o sinal de um pássaro. Mas nada não encontrou. E assim, ficou sendo, então e adiante.

Cada vez mais fria, a moça brinca, se aquece na torreira do sol. Quando acorda, manhã alta, encontra flores que a mãe depositou ao pé da cama. Ao fim da tarde, as duas, mãe e filha, passeiam pela praça e os velhos descobrem a cabeça em sinal de respeito.

E o caso se vai seguindo, estória sem história. Uma única, silenciosa, sombra se instalou: de noite, a mãe deixou de dormir. Horas a fio a sua cabeça anda em serviço de escutar, a ver se regressam as vozearias das aves.

COUTO, Mia. *A menina sem palavra*. 2013.

02. "E pareciam, as duas, presenciando pingo de água em pleno deserto." (3º parágrafo)

No contexto do conto, "pingo de água" e "pleno deserto" referem-se, metaforicamente,

- A) à pulsação da filha e ao peito da filha, respectivamente.
- B) à filha e à mãe, respectivamente.
- C) ao peito da filha e à pulsação da filha, respectivamente.
- D) à orelha da mãe e ao peito da filha, respectivamente.
- E) à mãe e à filha, respectivamente.

03. Além da variedade de discursos diretos e indiretos, a narrativa de ficção, a partir das últimas décadas do século XIX, utiliza um tipo de discurso que consiste na combinação dos já existentes, misturando valores estilísticos de um e de outro: é o discurso indireto livre. O discurso indireto livre não deixa claro quem está com a palavra, se o narrador ou a personagem.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 1989 (Adaptação).

Constitui exemplo de discurso indireto livre o seguinte trecho:

- A) "– Ai mãe, está tão escuro no meu sonho!" (9º parágrafo)

- B) "A mãe, então, se afligia: roía o dedo e deixava a unha intacta." (1º parágrafo)

- C) "A senhora ficou espreitando a noite, na ilusão de escutar a voz de um pássaro." (6º parágrafo)

- D) "Pode-se morrer assim com tanta leveza, que nem se nota a retirada da vida?" (16º parágrafo)

- E) "– Morta, a minha menina? Mas, assim...?" (14º parágrafo)

04. O narrador recorre a um enunciado aparentemente paradoxal no seguinte trecho:

- A) "Quando acorda, manhã alta, encontra flores que a mãe depositou ao pé da cama." (21º parágrafo)

- B) "O médico corrigiu os óculos como se entendesse rectificar a própria visão." (12º parágrafo)

- C) "A mãe regressou à casa e encontrou a filha entoando danças, cantarolando canções que nem existem." (18º parágrafo)

- D) "Ao fim da tarde, as duas, mãe e filha, passeiam pela praça e os velhos descobrem a cabeça em sinal de respeito." (21º parágrafo)

- E) "A mãe se ergueu, pé descalço pelo corredor." (4º parágrafo)

05. A linguagem poética, o emprego de neologismos e as marcas de oralidade, que podem ser identificados no texto de Mia Couto, caracterizam também a prosa do seguinte escritor brasileiro:

- A) Guimarães Rosa.
- B) Graciliano Ramos.
- C) Machado de Assis.
- D) Euclides da Cunha.
- E) Aluísio de Azevedo.

06. Constitui exemplo de neologismo formado pelo processo de sufixação a palavra

- A) "inexistisse" (18º parágrafo).
- B) "derradeiraagem" (7º parágrafo).
- C) "intacta" (1º parágrafo).
- D) "descobrem" (21º parágrafo).
- E) "imobilidade" (7º parágrafo).

07. Ocorre o pronome apassivador "se" no seguinte trecho:

- A) "A mãe, então, se afligia: roía o dedo e deixava a unha intacta." (1º parágrafo)

- B) "Cada vez mais fria, a moça brinca, se aquece na torreira do sol." (21º parágrafo)

- C) "Clareou a voz, para melhor se autorizar." (12º parágrafo)

- D) "E o caso se vai seguindo, estória sem história." (22º parágrafo)

- E) "Não se vislumbravam sinais dessa derradeiraagem." (7º parágrafo)

Instrução: Leia o soneto “Descreve o que era naquele tempo a cidade da Bahia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder às questões **08** e **09**.

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar cabana e vinha;
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um bem frequente olheiro,
Que a vida do vizinho e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha,
Para o levar à praça e ao terreiro.

Muitos mulatos desavergonhados,
Trazidos sob os pés os homens nobres¹,
Posta nas palmas toda a picardia,

Estupendas usuras nos mercados,
Todos os que não furta muito pobres:
E eis aqui a cidade da Bahia.

MATOS, Gregório. *Poemas escolhidos*. 2010.

¹Trazidos sob os pés os homens nobres: na visão de Gregório de Matos, os mulatos em ascensão subjagam com esperteza os verdadeiros “homens nobres”.

- 08.** O soneto de Gregório de Matos constitui um exemplo da sua poesia de teor
- A) nostálgico. D) místico.
B) satírico. E) encomiástico.
C) metalinguístico.
- 09.** No soneto, o eu lírico enraíza na cidade da Bahia a figuração tradicional do desconcerto do mundo. No quadro da economia colonial, esse desconcerto do mundo mostra-se associado a um momento crítico da produção
- A) do açúcar. D) do café.
B) da borracha. E) do algodão.
C) do ouro.
- 10.** No soneto, o pronome “o” refere-se a
- A) “mundo”. D) “olheiro”.
B) “terreiro”. E) “vizinho”.
C) “conselheiro”.
- 11.** No soneto, verifica-se rima entre palavras de classes gramaticais diferentes
- A) em “vizinha”/“esquadrinha” (2ª estrofe) e em “nobres”/ “pobres” (3ª / 4ª estrofes).
B) em “vinha”/“cozinha” (1ª estrofe) e em “olheiro”/“terreiro” (2ª estrofe).
C) em “conselheiro”/“inteiro” (1ª estrofe) e em “olheiro”/ “terreiro” (2ª estrofe).

- D) em “conselheiro”/“inteiro” (1ª estrofe) e em “vizinha”/ “esquadrinha” (2ª estrofe).
E) em “desavergonhados”/“mercados” (3ª / 4ª estrofes) e em “nobres”/“pobres” (3ª / 4ª estrofes).

- 12.** Examine a tirinha da cartunista Laerte, publicada em sua conta do Instagram em 28.03.2022.



A se acreditar na narrativa do sapo,

- A) os solstícios e os equinócios seriam consequência de uma espécie de disputa entre o pai e a mãe da Terra.
B) a Lua permaneceria imóvel no céu, quando vista da superfície da Terra.
C) o dia e a noite seriam consequência de uma espécie de disputa entre o pai e a mãe da Terra.
D) as quatro estações seriam consequência de uma espécie de disputa entre o pai e a mãe da Terra.
E) o Sol permaneceria imóvel no céu, quando visto da superfície da Terra.

Instrução: Para responder às questões de **13** a **18**, leia o trecho de um ensaio de Michel de Montaigne (1533-1592).

Há alguma razão em fazer o julgamento de um homem pelos aspectos mais comuns de sua vida; mas, tendo em vista a natural instabilidade de nossos costumes e opiniões, muitas vezes me pareceu que mesmo os bons autores estão errados em se obstinarem em formar de nós uma ideia constante e sólida. Escolhem um caráter universal e, seguindo essa imagem, vão arrumando e interpretando todas as ações de um personagem, e, se não conseguem torcê-las o suficiente, atribuem-nas à dissimulação. Creio mais dificilmente na constância dos homens do que em qualquer outra coisa, e em nada mais facilmente do que na inconstância. Quem os julgasse nos pormenores e separadamente, peça por peça, teria mais ocasiões de dizer a verdade.

Em toda a Antiguidade é difícil escolher uma dúzia de homens que tenham ordenado sua vida num projeto definido e seguro, que é o principal objetivo da sabedoria. Pois para resumi-la por inteiro numa só palavra e abranger em uma só todas as regras de nossa vida, “a sabedoria”,

diz um antigo, "é sempre querer a mesma coisa, é sempre não querer a mesma coisa", "eu não me dignaria", diz ele, "a acrescentar 'contanto que a tua vontade esteja certa', pois se não está certa, é impossível que sempre seja uma só e a mesma." Na verdade, aprendi outrora que o vício é apenas o desregramento e a falta de moderação; e, por conseguinte, é impossível o imaginarmos constante. É uma frase de Demóstenes, dizem, que "o começo de toda virtude são a reflexão e a deliberação, e seu fim e sua perfeição, a constância". Se, guiados pela reflexão, pegássemos certa via, pegaríamos a mais bela, mas ninguém pensa antes de agir: "O que ele pediu, desdenha; exige o que acaba de abandonar; agita-se e sua vida não se dobra a nenhuma ordem".

MONTAIGNE, Michel de. *Os ensaios: uma seleção*. 2010 (Adaptação).

- 13.** De acordo com Montaigne, as ações humanas caracterizam-se
- pela volubilidade.
 - pela arrogância.
 - pelo egoísmo.
 - pela dissimulação.
 - pela obstinação.
- 14.** Do ponto de vista temático, o texto de Montaigne dialoga especialmente com a seguinte citação:
- "Sou um homem; não considero alheio a mim nada do que é humano." (Terêncio, 185-159 a.C.)
 - "Não se deve indagar sobre tudo: é melhor que muitas coisas permaneçam ocultas." (Sófocles, 486-406 a.C.)
 - "Nunca acontece algo que, por natureza, não sejamos capazes de suportar." (Marco Aurélio, 121-180 d.C.)
 - "O hábito é o melhor mestre em todas as coisas." (Plínio, 23-79 d.C.)
 - "E amanhã não seremos o que fomos, nem o que somos." (Ovídio, 43 a.C.-18 d.C.)
- 15.** No primeiro parágrafo, Montaigne ressalta que mesmo os bons autores tendem a
- adulterar a própria história de vida.
 - manipular a biografia de um homem.
 - enaltecer a própria história de vida.
 - depreciar a própria história de vida.
 - subestimar a biografia de um homem.
- 16.** No segundo parágrafo, depreende-se das reflexões de Montaigne a íntima relação entre
- sabedoria e contradição.
 - sabedoria e intemperança.
 - ignorância e temperança.

- ignorância e inconstância.
- vício e constância.

- 17.** Em "eu não me dignaria [...] a acrescentar 'contanto que a tua vontade esteja certa', pois se não está certa, é impossível que sempre seja uma só e a mesma." (2º parágrafo), a locução sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:
- visto que.
 - assim que.
 - desde que.
 - ainda que.
 - de modo que.
- 18.** "o começo de toda virtude são a reflexão e a deliberação, e seu fim e sua perfeição, a constância" (2º parágrafo). Nesse trecho, a segunda vírgula é empregada com a finalidade de
- separar o vocativo.
 - indicar a supressão de um verbo.
 - separar dois objetos diretos.
 - separar o sujeito de seu predicado.
 - indicar a supressão do conectivo "e".

UNESP-2021

Instrução: Para responder às questões de **01** a **04**, leia a crônica de Machado de Assis, publicada em 19/05/1888.

Eu pertencço a uma família de profetas *après coup*¹, *post facto*², *depois do gato morto*, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa dos seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que os meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*³, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que eu acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e supenho que a óleo.

No dia seguinte, chamei Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico.

— ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Eu vaio um galo, sim, senhô.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de Filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. 2013.

¹ *après coup*: a posteriori.

² *post facto*: após o fato.

³ *coup du milieu*: bebida, às vezes acompanhada de brindes, que se tomava no meio de um banquete.

- 01.** O termo que melhor caracteriza o narrador da crônica é
- altruísta.
 - devoto.
 - hipócrita.
 - visionário.
 - impulsivo.

- 02.** O trecho “profetas *après coup*, *post facto*, *depois do gato morto*” (1º parágrafo) sugere que o narrador se considera um profeta de fatos ou eventos
- enigmáticos.
 - contestáveis.
 - imaginários.
 - consumados.
 - cotidianos.

- 03.** “Neste jantar, a que os meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.” (2º parágrafo)
- No contexto em que se inserem, as orações sublinhadas expressam, respectivamente, ideia de
- condição e comparação.
 - condição e finalidade.
 - consequência e comparação.
 - concessão e finalidade.
 - concessão e consequência.

- 04.** Para evitar a repetição de um verbo já mencionado, o narrador recorre à elipse de um verbo na frase
- “Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés.” (4º parágrafo)
 - “Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote.” (4º parágrafo)
 - “Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu.” (8º parágrafo)
 - “Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade.” (13º parágrafo)
 - “Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.” (13º parágrafo)

Instrução: Leia o trecho do ensaio “As mutações do poder e os limites do humano”, de Newton Bignotto, para responder às questões de **05** a **07**.

A modernidade se construiu a partir do Renascimento à luz da famosa asserção do filósofo italiano Pico della Mirandola em seu *Discurso sobre a dignidade do homem* (1486), segundo o qual fomos criados livres e com o poder de escolher o que desejamos ser. Diferentemente dos outros seres, o homem pode constituir a própria face e transitar pelos caminhos mais elevados, ou degenerar até o nível inferior das bestas.

Para Pico della Mirandola, o homem é um ser autoconstruído, e, por isso, não podemos atribuir a forças transcendentais nem os sucessos nem os fracassos.

A liberdade para forjar sua própria natureza é um dom que implica riscos. Se com frequência preferimos olhar apenas para a força de uma vontade, que decidiu explorar o mundo com as ferramentas da razão, desde a era do Barroco sabemos que o real comporta um lado escuro, que não pode ser simplesmente esquecido. Ao lado do racionalismo triunfante, sempre houve um grito de alerta quanto às trevas que rondavam as sociedades modernas.

O século XX viu essas trevas ocuparem o centro da cena mundial e enterrou para sempre a ideia de que o progresso da civilização iria nos livrar de nossas fraquezas e defeitos. O século da técnica e dos avanços espetaculares da ciência foi também o século dos massacres e do aparecimento da morte em escala industrial. Tudo se passa como se a partir de agora não pudessemos mais esquecer da besta, que Pico della Mirandola via como uma das possibilidades de nossa natureza. O monstro, que rondava a razão, e que por tanto tempo pareceu poder ser por ela derrotado, aproveitou-se de muitas de suas conquistas para criar uma nova identidade, que nos obriga a conviver com a barbárie no seio mesmo de sociedades que tanto contribuíram para criar a imagem iluminada do Ocidente.

NOVAES, Adauto. (org.). *Mutações*. 2008 (Adaptação).

- 05.** De acordo com Pico della Mirandola,
- a capacidade de autodeterminação caracteriza os homens.
 - a ideia de livre-arbítrio acabou por se revelar ilusória.
 - o convívio com a barbárie corrompeu a natureza humana.
 - os homens acostumaram-se à condição de bestas.
 - o progresso da humanidade passa invariavelmente pela barbárie.
- 06.** Está empregado em sentido figurado o termo que qualifica o substantivo na expressão
- "sociedades modernas" (2º parágrafo).
 - "lado escuro" (2º parágrafo).
 - "escala industrial" (3º parágrafo).
 - "famosa asserção" (1º parágrafo).
 - "forças transcendentais" (2º parágrafo).
- 07.** Dêiticos: expressões linguísticas cuja interpretação depende da pessoa, do lugar e do momento em que são enunciadas. Por exemplo, "eu" designa a pessoa que fala "eu". Expressões como "aqui", "hoje" devem ser interpretadas em função de onde e em que momento se encontra o locutor, quando diz "aqui" e "hoje".
- TERRA, Ernani. *Leitura do texto literário*. 2014 (Adaptação).
- Verifica-se a ocorrência de dêitico no seguinte trecho:
- "O século da técnica e dos avanços espetaculares da ciência foi também o século dos massacres e do aparecimento da morte em escala industrial." (3º parágrafo)

- "Diferentemente dos outros seres, o homem pode constituir a própria face e transitar pelos caminhos mais elevados, ou degenerar até o nível inferior das bestas." (1º parágrafo)
- "A liberdade para forjar sua própria natureza é um dom que implica riscos." (2º parágrafo)
- "Ao lado do racionalismo triunfante, sempre houve um grito de alerta quanto às trevas que rondavam as sociedades modernas." (2º parágrafo)
- "Tudo se passa como se a partir de agora não pudessemos mais esquecer da besta, que Pico della Mirandola via como uma das possibilidades de nossa natureza." (3º parágrafo)

UNESP-2020

Instrução: Examine a tira de André Dahmer para responder às questões **01** e **02**.



MALVADOS, 2008.

- 01.** Na tira, a morte é caracterizada como
- frívola.
 - compassiva.
 - solitária.
 - incorruptível.
 - materialista.
- 02.** Constituem exemplos de linguagem formal e de linguagem coloquial, respectivamente, as seguintes falas:
- "Ah, estou morrendo de pena..." e "Ainda vou trabalhar a noite inteira no Iraque, meu rapaz."
 - "Me adianta essa, vai..." e "É cedo para mim."
 - "O importante é trabalhar com o que a gente gosta." e "Posso lhe dar um emprego bem melhor..."
 - "É cedo para mim." e "Posso lhe dar um emprego bem melhor..."
 - "Posso lhe dar um emprego bem melhor..." e "Me adianta essa, vai..."

Instrução: Leia o soneto “VII”, de Cláudio Manuel da Costa, para responder às questões de **03** a **07**.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado,
E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras*, 2002.

03. O tom predominante no soneto é de

- A) ingenuidade.
- B) apatia.
- C) ira.
- D) ironia.
- E) perplexidade.

04. No soneto, o eu lírico expressa um sentimento de inadequação que, a seu turno, se faz presente na seguinte citação:

- A) “A independência, não obstante a forma em que se desenrolou, constituiu a primeira grande revolução social que se operou no Brasil.” (Florestan Fernandes. *A revolução burguesa no Brasil*.)
- B) “Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo ‘sentido’. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais que a constituem num largo período de tempo.” (Caio Prado Júnior. *Formação do Brasil contemporâneo*.)
- C) “A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. A descoberta das terras americanas é, basicamente, um episódio dessa obra ingente. De início pareceu ser episódio secundário. E na verdade o foi para os portugueses durante todo um meio século.” (Celso Furtado. *Formação econômica do Brasil*.)

D) “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.” (Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*.)

E) “A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de ‘raça’ e de ‘religião’ do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora.” (Gilberto Freyre. *Casa-grande e senzala*.)

05. Considerando o contexto histórico-geográfico de produção do soneto, as transformações na paisagem assinaladas pelo eu lírico relacionam-se à seguinte atividade econômica:

- A) indústria.
- B) extrativismo vegetal.
- C) agricultura.
- D) extrativismo mineral.
- E) pecuária.

06. O eu lírico recorre ao recurso expressivo conhecido como hipérbole no verso:

- A) “Quem fez tão diferente aquele prado?” (1ª estrofe)
- B) “E em contemplá-lo, tímido, esmoreço.” (1ª estrofe)
- C) “Quanto pode dos anos o progresso!” (2ª estrofe)
- D) “Que faziam perpétua a primavera!” (3ª estrofe)
- E) “Árvores aqui vi tão florescentes,” (3ª estrofe)

07. Está reescrito em ordem direta, sem prejuízo de seu sentido original, o seguinte verso:

- A) “Quem fez tão diferente aquele prado?” (1ª estrofe) → Quem aquele prado fez tão diferente?
- B) “Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço” (2ª estrofe) → Uma fonte houve aqui; eu não me esqueço.
- C) “Ali em vale um monte está mudado:” (2ª estrofe) → Ali está mudado um monte em vale.
- D) “Tudo outra natureza tem tomado,” (1ª estrofe) → Tudo tem tomado outra natureza.
- E) “Nem troncos vejo agora decadentes.” (3ª estrofe) → Nem troncos decadentes vejo agora.

08. Perspectiva. Técnica de representação, numa superfície plana, do espaço tridimensional, baseado no uso de certos fenômenos ópticos, como a diminuição aparente no tamanho dos objetos e a convergência das linhas paralelas à medida que se distanciam do observador.

CHILVERS, Ian (org.). *Dicionário Oxford de arte*. 2007.

Verificam-se distorções e ambiguidades em relação à técnica da perspectiva na seguinte obra:

A)



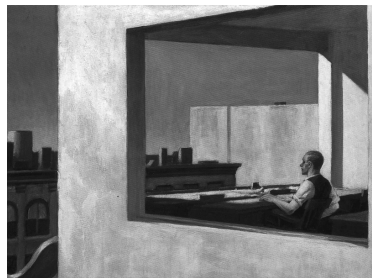
MAGRITTE, René. *A clarividência*, 1936.

B)



ESCHER, Mautirs Cornelis. *Mirante*, 1958.

C)



HOPPER, Edward. *Escritório em uma cidade pequena*, 1953.

D)



KOLLWITZ, Käthe. *A marcha dos tecelões*, 1897.

E)



MAGRITTE, René. *O império da luz*, 1954.

UNESP-2019/1

01. Examine a tira do cartunista Fernando Gonsales.



GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: cadê o ratinho do tio?* 2011.

Na tira, Arlindo Gouveia é caracterizado como

- A) dissimulado.
- B) agressivo.
- C) pedante.
- D) volúvel.
- E) orgulhoso.

02. Destinada unicamente à exportação, em função da qual se organiza e mantém a exploração, tal atividade econômica desenvolveu-se à margem das necessidades próprias da sociedade brasileira. No alvorecer do século XIX, essa atividade econômica, que se iniciara sob tão brilhantes auspícios e absorvera durante cem anos o melhor das atenções e dos esforços do país, já tocava sua ruína final.

Os prenúncios dessa ruína já se faziam aliás sentir para os observadores menos cegos pela cobiça desde longa data. De meados do século XVIII em diante, essa atividade econômica, contudo, não fizera mais que declinar.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 1999 (Adaptação).

A atividade econômica a que o texto se refere está presente em:

A) A ti trocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado,
A mim foi-me trocando, e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.
Deste em dar tanto açúcar excelente
Pelas drogas inúteis, que abelhuda
Simples aceitas do sagaz Brichote.

MATOS, Gregório de. *À cidade da Bahia*.

B) Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos sóis queimado.
Tenho próprio casal e nele assisto;
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Lira I*.

C) Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada Serra.
Não verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Lira III*.

D) Pescadores do Mondego,
Que girais por essa praia,
Se vós enganais o peixe,
Também Lise vos engana.
Vós ambos sois pescadores;
Mas com diferença tanta,
Vós ao peixe armais com redes,
Ela co'os olhos vos arma.

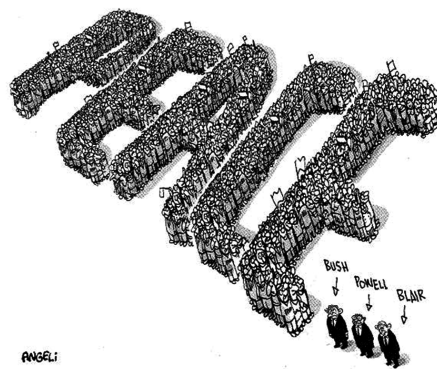
COSTA, Cláudio Manuel da. *Romance I*.

E) Aonde levas, Pastora,
Essas tenras ovelhinhas?
Que para seu mal lhes basta
O seres tu quem as guia.
Acaso vão para o vale,
Ou para a serra vizinha?
Vão acaso para o monte,
Que lá mais distante fica?

COSTA, Cláudio Manuel da. *Romance IV*.

03. Examine a charge do cartunista Angeli, publicada originalmente em 2003, e as afirmações que se seguem.

A PALAVRA E AS RETICÊNCIAS



ANGELI. *O lixo da história*, 2013.

- I. A figuração dos líderes políticos como “reticências” sugere que esses líderes constituem entrave à demanda sugerida pela “palavra”.
- II. Na medida em que, frente a uma multidão de anônimos, poucos indivíduos são nomeados, depreende-se da charge uma crítica, sobretudo, ao processo de massificação da sociedade moderna.
- III. A charge satiriza as manifestações contrárias à guerra no Iraque lideradas por políticos dos EUA e do Reino Unido.

Está correto apenas o que se afirma em

- A) III. C) I e III. E) II e III.
B) II. D) I.

Instrução: Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder às questões de 04 a 09.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus (Pequeno comentário)*. Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discricção; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*. 2006 (Adaptação).

- 04.** De acordo com o texto,
- A) a exemplo de Aristarco, Copérnico concebeu um Universo cujo centro era ocupado pelo Sol.
 - B) Copérnico contribuiu decisivamente para a propagação de sua nova concepção do Universo.
 - C) a originalidade do pensamento de Copérnico foi ter colocado o Sol no centro do Universo.
 - D) em sua concepção do Universo, Copérnico apropria-se do dogma platônico do movimento circular uniforme dos corpos celestes.
 - E) tanto Copérnico quanto Ptolomeu podem ser considerados exemplos de heróis relutantes.
- 05.** Em “Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador” (3º parágrafo), a expressão destacada constitui um exemplo de
- A) eufemismo.
 - B) pleonismo.
 - C) hipérbole.
 - D) metonímia.
 - E) paradoxo.
- 06.** O medo de Copérnico de “críticas ou perseguição religiosa” (2º parágrafo) deve-se ao fato de suas ideias se oporem à teoria
- A) heliocêntrica.
 - B) geocêntrica.
 - C) humanista.
 - D) iluminista.
 - E) positivista.
- 07.** Em “Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial.” (1º parágrafo), a locução conjuntiva destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por
- A) à medida que.
 - B) ainda que.
 - C) desde que.
 - D) visto que.
 - E) a menos que.
- 08.** “Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.” (3º parágrafo)
- Em relação ao trecho que o sucede, o trecho destacado tem sentido de
- A) consequência.
 - B) condição.
 - C) conclusão.
 - D) concessão.
 - E) causa.
- 09.** Expressam ideia de repetição e ideia de negação, respectivamente, os prefixos das palavras
- A) “relativamente” (4º parágrafo) e “insegurança” (1º parágrafo).
 - B) “insatisfeito” (2º parágrafo) e “reconhecem” (1º parágrafo).
 - C) “retornou” (2º parágrafo) e “difundidas” (2º parágrafo).
 - D) “reformular” (3º parágrafo) e “involuntariamente” (3º parágrafo).
 - E) “compartilhar” (4º parágrafo) e “intitulado” (4º parágrafo).

UNESP–2018/2

Instrução: Leia o conto “A moça rica”, de Rubem Braga (1913-1990), para responder às questões de **01 a 05**.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no batelão¹ velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um rincho² de cavalo; depois, numa choça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o Luar do sertão e uma canção antiga que dizia assim: “Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa”. Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre flaubert³, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse “bom-dia” que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Inventei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

BRAGA, Rubem. *Os melhores contos*. 1997.

¹ batelão: embarcação movida a remo.

² rincho: relincho.

³ flaubert: um tipo de espingarda.

- 01.** O espanto inicial demonstrado pelo narrador em relação à moça deve-se ao fato de ela
- portar-se de forma independente.
 - agir de modo dissimulado.
 - cantar muito bem.
 - demonstrar orgulho de sua cidade natal.
 - ser bastante rica.
- 02.** A fala “rema, bobalhão!” (último parágrafo) sugere, por parte do narrador,
- intransigência.
 - impaciência.
 - atrevimento.
 - simplicidade.
 - arrependimento.
- 03.** O pleonasma (do grego *pleonasmós*, que quer dizer abundância, excesso, amplificação) é uma repetição de unidades linguísticas idênticas do ponto de vista semântico, o que implica que a repetição é tautológica (redundante). No entanto, ela é uma extensão do enunciado com vistas a intensificar o sentido.
- FIORIN, José Luiz. *Figuras de retórica*. 2014 (Adaptação).
- Verifica-se a ocorrência de pleonasma em:
- “fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia” (5º parágrafo).
 - “eu avançava no batelão velho; remava cansado, com um resto de sono” (1º parágrafo).
 - “ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida” (3º parágrafo).
 - “A princípio a olhei com espanto, quase desgosto” (2º parágrafo).
 - “Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus” (4º parágrafo).

04. Ao se converter o trecho “Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela” (7º parágrafo) para o discurso direto, o verbo “confessara” assume a forma:

- A) confessei D) confesso
B) confessou E) confessava
C) confessa

05. “Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu viajava a pé, ela veio galopando a cavalo” (4º parágrafo)

Os termos destacados constituem, respectivamente,

- A) artigo, preposição, artigo.
B) artigo, preposição, preposição.
C) pronome, artigo, artigo.
D) pronome, preposição, preposição.
E) pronome, artigo, preposição.

Instrução: Leia o trecho do livro *Em casa*, de Bill Bryson, para responder às questões de **06 a 10**.

Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos. O açúcar e outros ingredientes caros muitas vezes eram aumentados com gesso, areia e poeira. A manteiga tinha o volume aumentado com sebo e banha. Quem tomasse chá, segundo autoridades da época, poderia ingerir, sem querer, uma série de coisas, desde serragem até esterco de carneiro pulverizado. Um carregamento inspecionado, relata Judith Flanders, demonstrou conter apenas a metade de chá; o resto era composto de areia e sujeira. Acrescentava-se ácido sulfúrico ao vinagre para dar mais acidez; giz ao leite; terebintina¹ ao gim. O arsenito de cobre era usado para tornar os vegetais mais verdes, ou para fazer a geleia brilhar. O cromato de chumbo dava um brilho dourado aos pães e também à mostarda. O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante, e o chumbo avermelhado deixava o queijo Gloucester, se não mais seguro para comer, mais belo para olhar.

Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo. Até as cerejas, como relata Tobias Smollett, ganhavam novo brilho depois de roladadas, delicadamente, na boca do vendedor antes de serem colocadas em exposição. Quantas damas inocentes, perguntava ele, tinham saboreado um prato de deliciosas cerejas que haviam sido “umedecidas e roladadas entre os maxilares imundos e, talvez, ulcerados de um mascate de Saint Giles”?

O pão era particularmente atingido. Em seu romance de 1771, *The expedition of Humphry Clinker*, Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de “giz, alume² e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição”; mas acusações assim já eram comuns na época.

A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro chamado *Poison detected: or frightful truths*, escrito anonimamente em 1757, que revelou segundo “uma autoridade altamente confiável” que “sacos de ossos velhos são usados por alguns padeiros, não infreqüentemente”, e que “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos”.

BRYSON, Bill. *Em casa*. 2011 (Adaptação).

¹ terebintina: resina extraída de uma planta e usada na fabricação de vernizes, diluição de tintas, etc.

² alume: designação dos sulfatos duplos de alumínio e metais alcalinos, com propriedades adstringentes, usado na fabricação de corantes, papel, porcelana, na purificação de água, na clarificação de açúcar, etc.

06. Em “Não havia praticamente nenhum gênero que não pudesse ser melhorado ou tornado mais econômico para o varejista por meio de um pouquinho de manipulação e engodo” (2º parágrafo), o termo destacado está empregado em sentido similar ao do termo destacado em:

- A) “Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de ‘giz, alume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição” (3º parágrafo).
B) “A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro” (3º parágrafo).
C) “os ossuários dos mortos são revolvidos para adicionar imundícies ao alimento dos vivos” (3º parágrafo).
D) “Smollett definiu o pão de Londres como um composto tóxico de ‘giz, alume e cinzas de ossos, insípido ao paladar e destrutivo para a constituição” (3º parágrafo).
E) “A primeira acusação formal já encontrada sobre a adulteração generalizada do pão está em um livro” (3º parágrafo).

07. “O acetato de chumbo era adicionado às bebidas como adoçante” (1º parágrafo). Preservando-se a correção gramatical e o seu sentido original, essa oração pode ser reescrita na forma:

- A) Adicionava-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçante.
B) Adiciona-se o acetato de chumbo às bebidas como adoçantes.
C) Eram adicionadas às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
D) Adicionam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.
E) Adicionavam-se às bebidas como adoçante o acetato de chumbo.

08. Em “Quase nada, no século XVII, escapava à astúcia dos que adulteravam alimentos” (1º parágrafo), o termo destacado é um verbo
- A) transitivo direto.
 B) intransitivo.
 C) de ligação.
 D) transitivo indireto.
 E) transitivo direto e indireto.
09. É invariável quanto a gênero e a número o termo destacado em:
- A) “o resto era composto de areia e sujeira” (1º parágrafo).
 B) “O pão era particularmente atingido” (3º parágrafo).
 C) “O açúcar e outros ingredientes caros” (1º parágrafo).
 D) “uma autoridade altamente confiável” (3º parágrafo).
 E) “um pouquinho de manipulação e engodo” (2º parágrafo).

10. Esse movimento descobriu algo que ainda não havia sido conhecido ou enfatizado antes: a “poesia pura”, a poesia que surge do espírito irracional, não conceitual da linguagem, oposto a toda interpretação lógica. Assim, a poesia nada mais é do que a expressão daquelas relações e correspondências, que a linguagem, abandonada a si mesma, cria entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal, e entre as diferentes esferas dos sentidos. Sendo a vida misteriosa e inexplicável, como pensavam os adeptos desse movimento, era natural que fosse representada de maneira imprecisa, vaga, nebulosa, ilógica e ininteligível.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 1976 (Adaptação).

O comentário do crítico Afrânio Coutinho refere-se ao movimento literário denominado

- A) Parnasianismo. D) Simbolismo.
 B) Romantismo. E) Arcadismo.
 C) Realismo.

- B) “O estômago que raramente está vazio despreza alimentos vulgares.”
 C) “Nada é mais útil ao homem do que uma sábia desconfiança.”
 D) “Muitos homens querem uma coisa, mas não suas consequências.”
 E) “É impossível para um homem ser enganado por outra pessoa que não seja ele mesmo.”

Instrução: Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder às questões de **02 a 08**.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoitasse.

UNESP-2018/1

01. Examine a tira *Hagar, o Horrível* do cartunista americano Dik Browne (1917-1989).



BROWNE, Dik. *Hagar, o Horrível*, v. 1, 2014.

O ensinamento ministrado por Hagar a seu filho poderia ser expresso do seguinte modo:

- A) “A fome é a companheira do homem ocioso.”

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

ASSIS, Machado de. *Contos*: uma antologia, 1998.

- 02.** A perspectiva do narrador diante das situações e dos fatos relacionados à escravidão é marcada, sobretudo,
- A) pelo saudosismo. D) pelo entusiasmo.
 B) pela indiferença. E) pela ironia.
 C) pela indignação.
- 03.** O leitor é figura recorrente e fundamental na prosa machadiana. Verifica-se a inclusão do leitor na narrativa no seguinte trecho:
- A) "A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade." (3º parágrafo)
- B) "Quando não vinha a quantia, vinha promessa: 'gratificar-se-á generosamente' – ou 'receberá uma boa gratificação'. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa." (4º parágrafo)
- C) "Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres." (1º parágrafo)
- D) "O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave." (2º parágrafo)
- E) "Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas." (1º parágrafo)
- 04.** Em "o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói." (3º parágrafo), a "ação" a que se refere o narrador diz respeito
- A) à fuga dos escravos.
 B) ao contrabando de escravos.
 C) aos castigos físicos aplicados aos escravos.
 D) às repreensões verbais feitas aos escravos.
 E) à emancipação dos escravos.
- 05.** Embora não participe da ação, o narrador intromete-se de forma explícita na narrativa em:
- A) "Há meio século, os escravos fugiam com frequência." (3º parágrafo)

- B) "O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões." (2º parágrafo)
- C) "A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca." (1º parágrafo)
- D) "Mas não cuidemos de máscaras." (1º parágrafo)
- E) "Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão." (3º parágrafo)

- 06.** "Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**." (4º parágrafo)
- Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede
- A) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo "lho".
 B) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo "lho".
 C) objeto direto, representado pelo vocábulo "dinheiro", e objeto indireto, representado pelo vocábulo "lho".
 D) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo "quem".
 E) objeto direto, representado pelo vocábulo "dinheiro", e objeto indireto, representado pelo vocábulo "quem".
- 07.** Em "Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o **acoitasse**" (4º parágrafo), o termo destacado pode ser substituído, sem prejuízo de sentido para o texto, por
- A) escondesse. D) incentivasse.
 B) denunciasses. E) ignorasse.
 C) agredisse.
- 08.** No último parágrafo, "pôr ordem à desordem" significa
- A) estimular os proprietários a tratarem seus escravos com menos rigor.
 B) conceder a liberdade aos escravos fugidos.
 C) conceder aos proprietários de escravos fugidos alguma compensação.
 D) abolir a tortura imposta aos escravos fugidos.
 E) restituir os escravos fugidos a seus proprietários.
- 09.** De fato, este romance constitui um dos poucos romances cômicos do romantismo nacional, afastando-se dos traços idealizantes que caracterizam boa parte das obras "sérias" dos autores de então. O modo pelo qual este romance pinta a sociedade, representando-a a partir de um ângulo abertamente cômico e satírico, também era relativamente novo nas letras brasileiras do século XIX.
- JAROUCHE, Mamede Mustafa.
Galhofa sem melancolia, 2003 (Adaptação).
- O comentário refere-se ao romance
- A) *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.
 B) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
 C) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
 D) *Iracema*, de José de Alencar.
 E) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

GABARITO

Unicamp-SP-2023

01. B	04. B	07. B
02. D	05. A	08. A
03. D	06. B	09. C

Unicamp-SP-2022

01. D	05. D	09. B
02. A	06. C	10. D
03. B	07. C	11. C
04. D	08. D	12. A

Unicamp-SP-2021

01. B	09. C	17. B
02. B	10. A	18. B
03. D	11. C	19. D
04. C	12. D	20. A
05. A	13. C	21. B
06. A	14. B	22. A
07. C	15. D	23. C
08. D	16. B	24. B

Unicamp-SP-2020

01. C	06. B	11. B
02. D	07. C	12. B
03. B	08. D	13. A
04. C	09. A	
05. D	10. C	

Unicamp-SP-2019

01. C	07. C	13. D
02. D	08. D	14. C
03. D	09. B	15. D
04. B	10. B	16. C
05. D	11. D	
06. C	12. A	

Unicamp-SP-2018

01. D	07. A	13. B
02. D	08. C	14. D
03. C	09. B	15. D
04. B	10. D	16. B
05. B	11. B	
06. B	12. A	

Unesp-2023

01. A	07. E	13. A
02. A	08. B	14. E
03. D	09. A	15. B
04. C	10. E	16. D
05. A	11. D	17. C
06. B	12. C	18. B

Unesp-2021

01. C	04. E	07. E
02. D	05. A	
03. D	06. B	

Unesp-2020

01. D	04. D	07. D
02. E	05. D	08. B
03. E	06. D	

Unesp-2019/1

01. C	04. A	07. B
02. C	05. E	08. B
03. D	06. B	09. D

Unesp-2018/2

01. A	05. D	09. D
02. E	06. E	10. D
03. C	07. A	
04. B	08. D	

Unesp-2018/1

01. C	04. C	07. A
02. E	05. D	08. E
03. D	06. B	09. C